

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

DANIELA PUPO BARBOSA BIANCHI

**O PAPEL DO SEGREDO NOS JOGOS FAMILIARES:
Um olhar transgeracional**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**São Paulo
2018**

DANIELA PUPO BARBOSA BIANCHI

O PAPEL DO SEGREDO NOS JOGOS FAMILIARES:

Um olhar transgeracional

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ida Kublikowski.

**São Paulo
2018**

DANIELA PUPO BARBOSA BIANCHI

O PAPEL DO SEGREDO NOS JOGOS FAMILIARES:

Um olhar transgeracional

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ida Kublikowski.

Aprovada em:

Prof.^a Dr.^a Ida Kublikowski – PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Maria Irene dos Santos Zerbini –
Universidade de Taubaté – UNITAU

Prof.^a Dr.^a Flávia Arantes Hime – PUC-SP

RESUMO

PUPO-BIANCHI, D. B. **O papel do segredo nos jogos familiares: um olhar transgeracional.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018

Nos atendimentos clínicos em psicoterapia podemos observar a presença frequente de segredos. Muitos desses conteúdos interferem direta ou indiretamente na vida e na constituição da subjetividade da pessoa atendida. Sob o ponto de vista da abordagem da Terapia Familiar, os segredos são considerados fenômenos sistêmicos, uma vez que estão ligados aos relacionamentos, formando díades, triângulos, alianças, divisões e rompimentos. É comum perceber que os segredos familiares envolvem fatos, acontecimentos ou ações que são considerados socialmente vergonhosos e cuja revelação teria consequências ruins para aquela família. Diante do exposto, este trabalho visa contribuir para a compreensão do papel do segredo dentro de um sistema familiar a partir de um olhar transgeracional, por meio de um estudo de caso instrumental. O objetivo geral foi compreender como o participante percebeu e significou os segredos em sua trajetória de vida. Os objetivos específicos foram: analisar como o participante percebeu e significou a transmissão do segredo através das gerações bem como analisar como se estabeleceu, nesse caso, a relação entre segredos e mitos familiares. Para atingir os objetivos propostos, foi utilizada uma abordagem qualitativa de pesquisa, a partir da perspectiva sistêmica, desenvolvida com a utilização de entrevista semiestruturada, genograma lúdico e *sandplay*. Os resultados apontam que o participante percebe que os segredos interferiram diretamente em sua vida e na construção de sua identidade, sendo certo que, para ele, a transmissão desses conteúdos, ao longo das gerações, deu-se por transmissão oral de crenças e valores, bem como pela observação de comportamentos e atitudes. Quanto aos mitos familiares foi possível inferir que, na presente pesquisa, estão diretamente ligados aos segredos familiares em um mecanismo de retroalimentação, por meio do qual esses fenômenos se sustentam e se alimentam reciprocamente. Há, ainda, na história de vida do participante, um eixo central revelado pelo estudo, qual seja, o desenraizamento. A diáspora e a experiência de expatriação – promotores desse desenraizamento – ativaram a mitologia familiar que acabou por desencadear o fenômeno do segredo na busca de proteção do sistema.

Palavras-chave: Segredos familiares. Mitos familiares. Transgeracionalidade.

ABSTRACT

PUPO-BIANCHI, D. B. **The role of secrecy in family interactions: a transgenerational perspective.** Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018

In clinical psychotherapy we observe the frequent presence of secrets. Many of these contents interfere directly or indirectly in the life and constitution of subjectivity of the patient. From the point of view of the Family Therapy approach, secrets are considered systemic phenomena, being part of relationships and forming dyads, triangles, alliances, divisions and disruptions. It is a common finding that family secrets involve facts, events or actions that are considered socially shameful and whose disclosure would have bad consequences for the family. In view of the above, this study aimed at contributing to the understanding of the role of secrets within a family system from a trans-generational perspective. The overall goal was to understand how the participant perceived and attributed meaning to the secrets in his life trajectory. The specific objectives were to analyze how the participant perceived and attributed meaning to the transmission of secrets through the generations as well as to analyze how the relationship between secrets and family myths was established. To achieve the proposed objectives, a qualitative research was developed based on an instrumental case study. The instruments employed were a semi-structured interview, the family play genogram and the sandplay. The results, analyzed from a systemic perspective, indicate that the participant understands that the secrets interfered directly in his life and in the construction of his identity. He realizes that the transmission of these contents, throughout the generations, took place by oral transmission of beliefs and values, as well as by the observation of behaviors and attitudes. As for the family myths, it was possible to infer that they were directly related to the family secrets in a feedback mechanism, by which these phenomena sustained and fed each other. In the life history of the participant, there is a central axis also revealed by this study, that is, the uprooting. The diaspora and the experience of expatriation - that have caused such uprooting - activated the familiar mythology that has prompted the phenomenon of the secret in the search of system protection.

Keywords: Family secrets. Family myths. Trans-generationality.

A meu pai que deixou de herança a alegria no viver.

A AB (Abraão) que deixou, generosamente, sua vida
como legado de força e superação.

Que vocês possam voar livres!

Com especial agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – cujo subsídio foi fundamental para a realização e finalização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Tantas pessoas estão conosco em nossa jornada existencial. Delas tiramos, trocamos, tocamos e somos tocados em aspectos diferentes, mas todas, sem exceção, deixam sua marca em nosso corpo, em nossa história e em nossos desejos de nos construir e transformar o mundo.

Este trabalho é resultado de muita inspiração. E a cada pessoa que me tocou, um pouco dessa mão está presente em minhas palavras e nas escolhas que hoje me guiam.

Nesse caminhar, muitas são as pessoas a quem desejo agradecer. Algumas, em especial, compartilharam o desenvolvimento do mestrado, esses anos de busca, estudo e muita dedicação.

Agradeço à minha querida orientadora, Prof.^a Dr.^a Ida Kublikowski, um grande presente neste mestrado. Pessoa de incrível firmeza e docilidade. Condução impecável, humana e extremamente competente. Com você aprendi o que é pesquisa e me encantei com esse universo delicioso e mágico do conhecimento. Sua presença e companhia nesse percurso foram fundamentais. Com certeza, não teria sido possível sem seu cuidado. Minha gratidão a todo afeto ofertado.

Às queridas professoras da banca examinadora, Prof.^a Dr.^a Maria Irene dos Santos Zerbini e Prof.^a Dr.^a Flávia Arantes Hime, cujos olhares contribuíram muito para a finalização e para a melhora deste trabalho. Presenças doces e competentes, que aceitaram a parceria com o coração aberto. Fica a vocês meu agradecimento pela acolhida, opiniões, ofertas e amorosidade.

A meus colegas de mestrado, por me apoiarem e compartilharem suas dificuldades. Principalmente a Izabela Guedes, amiga querida, “ganhada” nesta jornada. Você foi a surpresa adorável que a PUC me ofertou. Sua força, amizade, presença e escuta nas horas de cansaço foram absolutamente necessárias. Conseguimos chegar ao fim da jornada felizes pela conquista. Obrigada por sua companhia.

A meus alunos, que me inspiraram na realização deste trabalho. A cada rostinho que me ajuda a buscar mais, a aprender mais, a buscar mais e a compartilhar o conhecimento.

A meus companheiros de jornada, Andrea Alano, Romina Pucci e Max Paulino, que constroem comigo a vida em comum, com suas diversas formas de afeto e presença sempre me acompanhando e apoiando em minhas escolhas, nem sempre fáceis, mas necessárias, em meu crescimento e desenvolvimento.

A meus colegas-amigos de Gestalt-terapia do Instituto Gestalt de São Paulo e do Sedes Sapientiae: Myrian Bove Fernandes, Claudia Ranaldi, Luiz Lilienthal, Enio Brito, Eviene Lazaros, Myrian Hoffman, Daisy Arruda, Leticia Brodoloni e tantos outros que compartilham comigo o mesmo ideal de vida e de crescimento.

À minha querida mestra e amiga, Beatriz Cardella, que me inspira, ensina, encanta e desperta o melhor de mim pessoal e profissionalmente. Sua presença em minha vida tem me tornado um ser humano e uma psicoterapeuta melhor.

Minhas colegas de consultório, amigas queridíssimas que me sustentam no cotidiano da vida, Helena Carvalho e Rosana Picchi. Helena, a você um carinho especial por cuidar deste meu “filho”, olhar suas palavras, organizá-las para mim, quando eu já estava muito cansada. Obrigada, amigas.

A minha mãe e irmãos que compartilharam comigo as adversidades desses dois anos, durante os quais muito aconteceu em nossa família. Parceria e união necessárias para a jornada se tornar possível.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Genograma	53
Figura 2 – Genograma lúdico	54
Figura 3 – Cenário 1	56
Figura 4 – Cenário 1: Família nuclear do pai	57
Figura 5 – Cenário 1: Família estendida da avó paterna	58
Figura 6 – Cenário 1: Casa do avô materno	59
Figura 7 – Cenário 1: Êxodo da África para a Europa e da Europa para Israel	61
Figura 8 – Cenário 1: Chegada ao Brasil	62
Figura 9 – Cenário 2	63
Figura 10 – Cenário 2: Família que recebeu o participante e familiares no Brasil	64
Figura 11 – Cenário 2: Família do participante.....	65
Figura 12 – Cenário 2: Núcleo familiar do avô materno em São Paulo	66
Figura 13 – Cenário 2: Família nuclear do participante	67
Figura 14 – Cenário 2: Escola e trabalho do participante.....	67
Figura 15 – Genograma lúdico: Participante representado pelo retirante.....	71
Figura 16 – Representação da casa do avô materno e da casa do participante	77
Figura 17 – Caminho do país de origem até o Brasil	83
Figuras 18 e 19 – Elementos que representam a chegada ao Brasil	84
Figura 20 – Cenário 2: Trajetória do Rio de Janeiro a São Paulo	85
Figura 21 – Casa de pedra da família de origem do pai	86
Figura 22 – Casa de papelão dos parentes do pai	86
Figura 23 – Casa-cofre representando a casa do avô materno.....	87
Figura 24 – Casa representando a família do participante	87
Figura 25 – Representação das experiências na Europa e em Israel	88
Figura 26 – Cenário 2: Casas no Brasil.....	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 SEGREDOS NO CICLO VITAL DA FAMÍLIA	18
2.1 Família	18
2.2 Envelhecimento	20
2.3 Identidade e Memória	24
2.4 Transgeracionalidade.....	27
3 SEGREDOS FAMILIARES	30
4 MITOS FAMILIARES	37
5 MÉTODO	42
5.1 Estudo de caso	42
5.2 Participante	43
5.3 Procedimento de coleta de dados.....	44
5.3.1 Entrevista semiestruturada.....	44
5.3.2 Genograma e Genograma lúdico.....	46
5.3.3 <i>Sandplay</i>	47
5.4 Procedimento de análise de dados	48
5.5 Procedimentos e cuidados éticos.....	50
6. ANÁLISE DOS RESULTADOS	51
6.1 Descrição dos conteúdos coletados pelos instrumentos propostos.....	51
6.1.1 Resumo do relato do participante (Entrevistas)	51
6.1.2 Genogramas	53
6.1.3 Cenários	56
6.1.3.1 <i>Cenário 1</i>	56
6.1.3.2 <i>Cenário 2</i>	63
6.2 Análise	68
6.2.1 Percepção e significado do segredo na vida do participante	68
6.2.2 Percepção e significado da transmissão do segredo através das gerações.	73
6.2.3 Relação entre segredos e mitos familiares.....	75
6.2.4 Desenraizamento	80
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90

REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	98
APÊNDICE 2 – Carta Convite	100
APÊNDICE 3 – Roteiro de entrevista semiestruturada	101

1 INTRODUÇÃO

E então, do meio da sarça, Deus o chamou: “Moisés, Moisés!” “Eis-me aqui”, respondeu ele. Então disse Deus: “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa”. (Êxodo 3:5)

Nos atendimentos clínicos em psicoterapia podemos observar a presença frequente de segredos, tanto os de foro íntimo e pessoal dos clientes, quanto os que envolvem a família, a cultura, a sociedade. Normalmente, esses segredos dizem respeito às questões de nascimento, morte, adoecimentos físicos e emocionais, sexualidade, fertilidade ou infertilidade, suicídio, incesto, violência, drogadição, traumas ou crimes, entre uma gama infindável de temas. Importante destacar que muitos desses conteúdos interferem direta ou indiretamente na vida e na constituição da subjetividade da pessoa atendida. Por vezes, são retratados com consciência pelo cliente, mas, em muitas situações, o próprio interessado desconhece a influência da temática na sua vida.

A despeito da importância do papel desempenhado por tais segredos nas situações clínicas, a literatura atual pouco tem a contribuir com o tema. Como aponta Imber-Black, essa continua sendo uma área imensamente intocada, ou seja, “até muito recentemente em nosso campo os segredos foram mantidos em segredo” (IMBER-BLACK, 1994, p. 15).

Frente ao acima noticiado, este estudo utilizou a Terapia Sistêmica como escopo teórico principal. Entretanto, foram utilizados textos de outras áreas do conhecimento para compor e ampliar o olhar sobre esse fenômeno interessante e mobilizador dos sistemas familiares. Nesse trajeto, achados da Filosofia, Educação, Psicanálise, Psicologia Analítica e Gestalt-terapia contribuíram para elucidação do tema, dialogando com a abordagem sistêmica de forma complementar.

Alguns casos clínicos que tive o privilégio de conduzir e nos quais havia a presença de segredos na vida familiar dos clientes despertaram em mim um interesse significativo, pela percepção que tal fenômeno se traduzia como uma ausência absolutamente presente, um fantasma que opinava e fazia barulho, sem que os membros daquele sistema conseguissem perceber de onde vinha aquela "voz sem voz".

Dentro do sistema familiar, o segredo pode representar um emaranhado, formando pregas que tornam a superfície irregular, entranhas labirínticas que despertam fantasias, sonhos, suspeitas, incômodos e toda sorte de sintomas e símbolos. Araújo (2013) considera que o segredo contém em si algo de viscoso, de dobrado, de enrugado. Tem-se, todavia, que a viscosidade do segredo pode ser (pre)sentida por muitos dos participantes da família. Ainda

que haja o velado, o não dito, o escondido, a presença de algo pastoso e irregular jaz no ambiente. No dizer de Brunel:

O segredo, mesmo quando é preservado, é revelado e largamente difundido, mas não divulgado: porque não é a um outro, ou aos outros, que o diz aquele que o possui; ele o diz à noite, ele quer que o dia o proclame, antes de um novo e aparente esquecimento que não é outra coisa do que as condições de uma salvaguarda, um ato de confiança (BRUNEL, 1988 apud ARAÚJO, 2013, p. 88).

Os segredos podem ser constituídos com base em fatos reais ocultados por vergonha e culpa, ou por fantasias que, por não poderem ter expressão, são mantidas secretas. Podem ser consciente ou inconscientemente partilhados entre os membros da família e transmitidos para outras gerações, confundindo-se, às vezes, com o mito familiar (MELO, MAGALHÃES E FÉRES-CARNEIRO, 2014). Por mitos familiares entendemos as crenças e valores de cada grupo familiar e seu processo de transmissão para as próximas gerações por meio da memória familiar e de seus rituais. Como resultado, ainda, é possível perceber como as famílias podem se repetir umas às outras ao longo do tempo, ou seja, podem reproduzir padrões comportamentais ao longo das gerações. As crenças que fundamentam tais comportamentos são bem integradas e compartilhadas por todos os membros da família, sem questionamentos (MARTINS, 2012).

Outro ponto fundamental é distinguir segredos familiares da presença de enigmas dentro da família. Ainda que esses fenômenos possam parecer semelhantes e, por vezes, relacionem-se ou se complementem, guardam dinâmicas resolutivas diferentes, promovendo eventos emocionais também diversos. Enquanto o segredo diz respeito àquilo que não é revelado, o enigma fala daquilo que se deve resolver. Enquanto no primeiro há a conjugação dos verbos guardar/ocultar versus divulgar/revelar, no segundo se conjuga o verbo resolver/decifrar. Enfim, o segredo pressupõe a dinâmica ocultar-revelar enquanto que o enigma torna-se um problema a ser decifrado. “Decifra-me ou te devoro”, clássica fala da Esfinge de Tebas a Édipo confrontando-o com o enigma que deveria solucionar. Nesse sentido, Araújo, citando Blanchaud e Houdart-Merot, aponta que “a resolução do enigma pode fazer-se independentemente de uma qualquer confissão. Um enigma não se confia, resolve-se. (...) Só o segredo exige esta tríade entre detentor, depositário e terceiro excluído” (ARAÚJO, 2013, p. 85). Frente a um enigma, a pessoa normalmente é levada a sentimentos ambíguos, em razão da obscuridade da dupla informação que é comunicada. Já diante do segredo, as posições são diferentes, em razão do lugar que a pessoa ocupa na tríade: aquele

que sabe e é o “guardião do segredo” vive a ambivalência emocional do contar/revelar/trair versus guardar/ocultar/conservar, em um estado de tensão permanente entre o fazer e o não-fazer.

Sob o ponto de vista da abordagem da Terapia Familiar, os segredos são considerados fenômenos sistêmicos, uma vez que estão ligados aos relacionamentos, formando díades, triângulos, alianças, divisões e rompimentos (IMBER-BLACK, 1994). Ademais, também respondem pela formação de fronteiras e limites, pois criam a possibilidade de alguns membros da família saberem de seu conteúdo e outros, não; o que confirma a abordagem do fenômeno relacional.

Algumas definições de segredo, segundo Cerveny (2001), referem-se àquilo que se oculta à vista, ao conhecimento: assunto, problema conhecido apenas de uns poucos. Desse modo, o segredo familiar seria algo compartilhado por alguns membros do mesmo grupo e, possivelmente, teria diferentes significados para cada sistema considerado. Pierre Boutang, por sua vez, afirma que "o segredo é qualquer coisa que não se deve dizer, sobre o que o dizer não tem soberania" (BOUTANG, 1973 apud Araújo, 2013, p. 84).

Para Ariès e Duby (2010), o segredo pode ser definido como um saber oculto a outrem. Afirmam, ainda, os autores, que a palavra “segredo” aparece no século XV, oriunda do latim *secretus*, particípio passado do verbo irregular *secerno*, que significava separar, por à parte. No mesmo sentido, Araújo (2013) aponta que a origem etimológica do conceito de segredo é o acusativo latino *secretum*, que significa separado, solitário, retirado, isolado e escondido.

Bock julga importante fazer uma distinção entre o que é segredo e aquilo que é privacidade. Diz a autora que, no segredo, há “o encobrimento intencional”, enquanto que os conteúdos que são do âmbito privado são “protegidos do acesso indesejado por outros” (BOCK, 1989, p. 10). O que é mantido secreto frequentemente engendra vergonha, ao contrário de assuntos verdadeiramente privados. Assim, os segredos frequentemente estão conectados com medo e ansiedade quanto à revelação, enquanto a privacidade implica certa zona de conforto livre do ingresso indesejado de outros (IMBER-BLACK, 1994).

É comum perceber que os segredos familiares envolvem fatos, acontecimentos ou ações que se supõe são considerados socialmente vergonhosos e cuja revelação teria consequências ruins para aquela família. Cerveny (2001), todavia, entende que os segredos familiares podem também se referir a ações e acontecimentos que não suscitam vergonha, mas que servem para criar união em um nível intrafamiliar, diferenciando aquele grupo de outros e proporcionando uma identidade familiar específica.

Importante destacar que, dentro da família, alguns segredos podem constituir um difícil problema, ainda mais quando são transmitidos ao longo de gerações. Isso porque o segredo pode sobrecarregar a pessoa que o detém, prendendo-a à história de outras pessoas. De outra sorte, o segredo dentro de uma família aprisiona seus membros em razão da lealdade familiar. Imber-Black ressalta que “as lealdades familiares entre as gerações frequentemente são moldadas pelos segredos” (IMBER-BLACK, 1994, p. 21). Aliás, o próprio entendimento de lealdade familiar já guarda em seu bojo a compreensão da força necessária para a manutenção de um segredo dentro do seio de uma família. Como alguém de dentro do sistema, onde há a presença de um conteúdo vergonhoso e que se tornou um segredo, poderia romper o “pacto de silêncio”, expondo a família a consequências nefastas? Seria um ato de extrema deslealdade.

Boszorményi-Nagy e Spark enfatizam que o principal vínculo de conexão entre as gerações é o de lealdade. Lealdade essa que pode ser entendida como composta por “fibras invisíveis” e resistentes “que mantêm unidos fragmentos complexos de conduta relacional” (BOSZORMÉNYI-NAGY & SPARK, 2008, p. 57). Esse sistema também gera obrigações, endividamentos e culpa, em razão dessa força de manutenção entre os membros do sistema.

É muito forte a presença de padrões interacionais familiares que se repetem ao longo das gerações. Alguns desses padrões são mais fáceis de notar, enquanto outros estão escondidos ou disfarçados em comportamentos, falas e/ou crenças, entre outros fenômenos. Segundo Cerverny (2001), as famílias repetem-se a si mesmas. Isso quer dizer que questões que aparecem numa geração podem passar à geração seguinte sob outra forma. Repetição, desse modo, indica que o *acontecer* e o *sucedor* ocorrem em gerações diferentes. A autora concorda com Elkaim (1989, apud CERVERNY, op. cit.), quando este afirma que toda família transmite o seu modelo, mesmo aquelas que cuidam muito para não o fazer. Desse modo, entende que é por essa razão que o estudo da repetição dos padrões interacionais e suas possíveis premissas torna-se tão importante.

Conforme Martins (2012), não são repetidos apenas modelos vindos dos pais, mas é possível reproduzir padrões vindos dos ancestrais, como avós e bisavós. Nesse sentido, pode acontecer que um determinado modelo não se faça notar na geração subsequente, mas apareça na terceira geração, ou seja, salte gerações.

Diante do exposto, este trabalho visou contribuir para a compreensão do papel do segredo em uma trajetória de vida, a partir de estudo de caso envolvendo participante que melhor pudesse informar sobre o tema. A pesquisa proposta teve, portanto, um caráter qualitativo e seus objetivos podem ser assim relacionados:

Objetivo geral

Compreender como o participante percebe e significa o segredos em sua trajetória de vida.

Objetivos específicos

- Analisar como o participante percebe e significa a transmissão do segredo através das gerações.

- Analisar, na história de vida do participante, como se estabelece a relação entre segredos e mitos familiares.

Este estudo abrange outros seis capítulos. No capítulo a seguir, introduz-se a perspectiva sistêmica, no que tange aos conceitos de família, envelhecimento, memória, identidade e transgeracionalidade; no Capítulo 3, são explorados os conceitos de segredo familiar; o Capítulo 4 apresenta um breve estudo sobre mito familiar e suas implicações. Em seguida, o método de pesquisa será descrito e, por fim, serão apresentadas a análise dos resultados, concluindo-se o trabalho com as considerações finais.

2 SEGREDOS NO CICLO VITAL DA FAMÍLIA

2.1 Família

O conceito de família é sobremaneira importante para este estudo em razão do objetivo perseguido. Entretanto, na atualidade, conceituar família não é tarefa simples, porque as mudanças contemporâneas têm modificado as configurações do sistema familiar e exigido do pesquisador uma ampliação do olhar.

Walsh aponta que, ao longo da história, as famílias ficaram mais variadas e, por isso, a autora entende que as concepções de normalidade devem ser examinadas e a definição precisa “ser expandida para abranger um amplo espectro e a remodelação fluida dos padrões relacionais e domésticos” (WALSH, 2016, p. 3).

Ao analisar o conceito de família, Macedo ressalta que “o que caracteriza fundamentalmente a família são as relações de afeto e compromisso e a durabilidade de sua permanência como membro” (MACEDO, 1994, p. 63). Ensina a autora que o propósito da família é o de prover as necessidades primárias de seus membros. Dentre essas, estão arroladas as questões de sobrevivência: segurança, alimentação, lar, desenvolvimento de afeto, cognição, inserção social, cuidado, aceitação e amor.

Vasquez, Posada e Messenger conceituam família como “um grupo de pessoas que coabitam em um espaço, compartilham objetivos comuns, cumprem o objetivo de socialização dos indivíduos e, por sua vez, permitem a permanência da espécie humana” (VASQUEZ, POSADA & MESSENGER, 2015, p. 106, nossa tradução).

Cervený (2001), por outro lado, entende o grupo familiar como sendo um sistema de relações que são significativas mesmo que não haja interdependência entre os vários subsistemas. Ao explorar esse conceito, a autora sublinha a questão do sistema de relações, fazendo referência à importância da teoria dos sistemas, cujos pressupostos são utilizados por vários estudiosos em seus trabalhos sobre a família. Dentre esses pressupostos, destaca-se aquele que define a família como um sistema sujeito a uma complexidade de elementos interacionais, a uma organização e à constituição de uma totalidade na qual forças e padrões estão inscritos.

Pensando nas relações do grupo familiar, segundo a teoria de sistemas, podemos dizer que, neste, o comportamento de um dos membros é interdependente do comportamento dos outros. O grupo familiar pode, então, ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos seus membros não bastam para explicar o

comportamento de todos os outros membros. Assim, a análise de uma família não é a soma das análises de seus membros individuais. Os sistemas interpessoais como a família, podem ser encarnados como circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas (CERVENY, 2001, p. 24).

A partir dessa correlação entre família e sistema, Cervený (2001), buscando e sintetizando diversos autores, aponta que a família opera com base em certos princípios, quais sejam:

- a) homeostase: processo autorregulador para manutenção da estabilidade do sistema, protegendo-o de desvios e mudanças. Aqui cabe pensar nos padrões de relacionamento e sua força de perpetuação;
- b) morfogênese: designa a mudança dentro da ordem estrutural e funcional do sistema, de modo que este adquira nova configuração em termos qualitativos;
- c) *feedback*: mecanismo que tem a função de fornecer informações e definir o relacionamento entre os membros, podendo ser negativo ou positivo;
- d) causalidade circular: princípio que implica que a mudança em um elemento do sistema afeta todos os outros e o próprio sistema como um todo;
- e) não-somatividade: o sistema deve ser visto como uma totalidade e não como partes isoladas.

Faz-se importante destacar que os conceitos acima são consistentes com a existência de padrões interacionais e repetições ao longo de gerações, uma vez que apontam na direção da manutenção e perpetuação do sistema, ao longo do tempo. Ou seja, os princípios supracitados contribuem para a sobrevivência do sistema familiar e podem ser correlacionados a vários outros fenômenos que incidem na dinâmica da família, dentre eles o segredo, que pode ser entendido como um elemento que contribui, de certo modo, para que o sistema familiar se perpetue. De outra sorte, os mesmos princípios também sustentam a conservação dos conteúdos secretos, ou seja, há uma retroalimentação: o segredo serve à manutenção da homeostase familiar, assim como a homeostase familiar serve à preservação do segredo.

Tendo em vista os conceitos apresentados, podemos definir a família como um sistema de relações de afeto, que se perpetua ao longo do tempo e busca assegurar a seus membros a sobrevivência biopsicossocial.

2.2 Envelhecimento

O envelhecimento pode ser visto sob a ótica do indivíduo ou sob a perspectiva do impacto desse momento dentro do sistema familiar. Nesse último caso, interessa-nos o conceito de ciclo vital da família.

Para Cerveny, o ciclo vital da família pode ser considerado como um conjunto de etapas ou fases definidas por determinados critérios e que incluem a ideia de “fenômenos que se sucedem em um determinado ritmo” (CERVENY, 2010, p. 24). A autora caracteriza, ao longo do ciclo vital familiar, quatro etapas que não devem ser vistas com rigidez: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura, fase última.

A família na Fase de Aquisição tem como principal preocupação as conquistas. Nessa etapa, estão incluídos a escolha de parceiros, o nascimento de filhos e a obtenção de bens materiais necessários para que haja condições de sobrevivência da família (CERVENY, 2010, p. 24). McGoldrick e Shibusawa sublinham a importância da presença de filhos pequenos nesse momento do ciclo familiar. Esse acontecimento promove uma grande mudança e desenvolvimento da família, pois, segundo as teóricas, o fundamental é “explorar as fronteiras e papéis dentro da família nuclear e entre as gerações” (MCGOLDRICK & SHIBUSAWA, 2016, p. 388). Sugerem investigar como a família opera a fim de dar resposta aos problemas da infância, já que a dinâmica familiar contribuirá sobremaneira para as questões inerentes a esse momento.

A Fase Adolescente da família é determinada pela entrada dos filhos na adolescência, momento em que os pais podem estar na faixa dos quarenta a cinquenta anos de idade. Segundo Cerveny, esse período mobiliza os pais, que começam a se preocupar com a própria perda da juventude. Etapa de muita vulnerabilidade da família, que pode ser marcada por diversos questionamentos e conflitos entre os pais e entre estes e os filhos (CERVENY, op. cit.). McGoldrick e Shibusawa (op. cit.) denominam essa fase “famílias com adolescentes” e sua concepção se aproxima daquela dos teóricos brasileiros. Com a entrada dos filhos na adolescência e, portanto, ganhando mais autonomia e independência, os pais precisarão responder a novas necessidades cognitivas, emocionais, físicas e sociais. Conforme apontam as autoras americanas:

Os pais precisam estabelecer fronteiras qualitativamente diferentes do que as das famílias com filhos menores, ao mesmo tempo mantendo laços de confiança e comunicação aberta de forma que os adolescentes possam recorrer a eles para receber apoio e um senso de segurança. (MCGOLDRICK & SHIBUSAWA, 2016, p. 389)

Macedo, Kublikowski e Berthoud afirmam que “a família com filhos adolescentes se caracteriza por oferecer um espaço de preparo, que abre para o jovem o mundo das responsabilidades adultas” (MACEDO, KUBLIKOWSKI & BERTHOUD, 2006, p. 1). Acentuam, ainda, que essa fase exige uma flexibilização das normas e limites da família, em razão de profundas mudanças, pertinentes a esse período, nos padrões de relacionamento entre as gerações. Isso acontecendo, essa dinâmica permite uma passagem mais saudável para o sistema e para os adolescentes.

Além disso, há necessidade de se olhar para o relacionamento conjugal nesse momento, pois normalmente a terapia familiar olha para as questões relacionais entre pais e filhos adolescentes e deixa de explorar as satisfações e insatisfações do casal. Esses aspectos se mostram ainda mais relevantes, uma vez que os pais podem estar enfrentando a “crise de meia-idade” (MCGOLDRICK e SHIBUSAWA, op. cit.).

Importante também pensarmos que, para certos grupos, tais como as famílias judias, há uma valorização e preocupação com o sucesso dos filhos, o que pode gerar brigas entre gerações. McGoldrick aponta, ainda, que nesses casos há uma “orientação para grandes realizações”, o que se torna um fato gerador de conflitos: “poderíamos dizer que, nas famílias judias, a ausência de sucesso é considerada o problema primário na fase de lançamento” (MCGOLDRICK, 1995, p.71). Fase de lançamento, para essa autora, constitui o momento do ciclo no qual os pais “lançam” os filhos no mundo; esse termo dá a ideia de suporte, orientação e encaminhamento para as interfaces com o mundo. Essa é uma questão pertinente ao caso que será abordado na presente pesquisa. Os modos como isso é realizado e o momento em que acontece diferem significativamente conforme a cultura a que a família pertence.

A Fase Madura pode ser considerada uma das mais difíceis para o grupo familiar, dado que o casal se depara com duas gerações que necessitam de cuidados. Essa etapa envolve mudanças como: saída de casa e/ou casamento dos filhos; inclusão da terceira geração e parentes por afinidades; cuidados com a geração mais velha; nascimento de netos. As questões relacionadas ao corpo e a saúde, à diminuição da força de trabalho e às preocupações econômicas também marcam esse período (CERVENY, 2010).

McGoldrick e Shibusawa (2016) reforçam a ideia de ser essa a fase mais longa e mais problemática, acentuando as grandes mudanças na relação de pais e filhos. Filhos saindo de casa, casando, trabalhando e ganhando autonomia adulta levam os pais a precisar retomar e reorientar seus vínculos. Os autores, ressaltam, assim, ser essa uma etapa marcada por entrada e saída de membros da família e consideram que, além disso, há o envelhecimento tanto dos pais quanto dos avós e a necessidade de cuidados e enfrentamento de perdas.

Por fim e na Fase Última, o olhar se volta para o processo e a forma como as fases anteriores foram vividas (CERVENY, 2010). Esse período pode coincidir com a aposentadoria e com o retorno da vida a dois para o casal. As questões econômicas são relevantes nessa fase. Há grande preocupação com o balanço intergeracional: momento de olhar para trás e revisitar a própria história. Segundo Santos e Dias, “o luto pela perda de amigos e parentes trará forçosamente à tona a velhice como a fase que se aproxima da finitude pessoal e da ideia inevitável da viuvez. Nessa fase, há um fechamento de ciclo” (SANTOS & DIAS, 2008, p. 3).

O foco colocado na velhice permite contextualizar a história de vida que será analisada na presente pesquisa. E de que velhice estamos falando? No contexto acima, localizamos em que momento, no ciclo familiar, a velhice se torna um elemento importante. Mais adiante, será desenvolvido o contexto da velhice sob o ponto de vista do indivíduo.

Vale lembrar que o século passado foi caracterizado por profundas transformações histórico-culturais e, dentre elas, algumas ocorreram nos âmbitos da família e da velhice. Hoje, se é necessário considerar a família a partir de modelos variados, também se deve entender a velhice em suas múltiplas facetas. O envelhecimento, como uma das fases da vida, é vivido de forma bastante peculiar e multifacetada, de acordo com as características pessoais, familiares e culturais que influenciam o idoso (SANTOS & DIAS, op. cit.). Ainda assim, em nossa cultura, são raras as imagens positivas associadas ao final da vida, sobretudo dentro de um contexto familiar ou social. Em culturas tradicionais, como as orientais, os idosos são respeitados, em oposição à cultura ocidental que desvaloriza e marginaliza aqueles que passam por esse momento de vida.

A família, como um sistema que abarca seus membros mais velhos, enfrenta desafios significativos de adaptação na assim chamada terceira idade. Nessa fase, ocorrem diversas mudanças que incluem a aposentadoria, a viuvez, a condição de avós, as doenças que exigem o apoio familiar e dos membros mais jovens e o ajustamento às perdas, dentre outros fatos que determinam a reorientação e a reorganização familiar (WALSH, 1995).

Walsh (1995), citando Erikson, pontua um fato importante quando afirma que a obtenção de um senso de integridade *versus* o sentimento de desespero, com relação à aceitação da própria vida e morte, deve ter apoio nos relacionamentos familiares passados e presentes para a resolução satisfatória dessa grande tarefa psicossocial. As perdas físicas e sociais não são tarefas fáceis nessa etapa. Entretanto, a sabedoria amalhada ao longo do ciclo vital e ancorada no suporte familiar e ambiental pode contribuir para uma travessia mais serena nesse momento último. Lima e Coelho lembram que “o idoso que estiver inserido em um contexto psicossocial que o auxilie na superação das dificuldades dessa etapa não permitirá que o desespero tome conta de sua existência” (LIMA & COELHO, 2011, p. 6). Para que isso ocorra, é necessário, ainda, que as crises anteriores tenham sido superadas e que as virtudes colhidas ao longo do processo vital sirvam de amparo para os desafios do envelhecer.

Assim, Yount acredita que a pessoa “tenderá a encarar a finitude da vida com serenidade e sabedoria” (YOUNT, 2009 apud LIMA & COELHO, 2011, p. 6), experimentando envolvimento vital e adquirindo a “virtude da gerotranscendência”, o que significa dizer que conseguirá transcender as limitações físicas, experimentando nova compreensão do tempo, de si mesmo e das relações sociais, conectando-se com as gerações e se abrindo para uma nova compreensão da vida e da morte.

Os estudos de Paul B. Baltes (1939-2006), psicólogo alemão, também caminham no mesmo sentido, com suas contribuições à Psicologia do Envelhecimento e do Desenvolvimento. Segundo Neri o modelo de Baltes inclui o “paradigma do desenvolvimento ao longo de toda a vida (*lifespan*)” (NERI, 2006, p. 17). Nessa proposta o teórico desenvolveu a teoria de seleção, otimização e compensação (teoria SOC), segundo a qual as perdas e os ganhos evolutivos são resultantes da interação entre os recursos da pessoa com os recursos do ambiente de forma interdependente (NERI, *op. cit.*).

Fontes, em reflexões acerca da teoria de Baltes, aponta para o fato de que:

O modelo psicológico de envelhecimento bem-sucedido pressupõe, ao longo da vida, a utilização de estratégias de seleção, compensação e otimização em relação aos diversos domínios do funcionamento humano, como meios para equilibrar limites e potencialidades, decorrentes do envelhecimento, contribuindo para aumentar a resiliência. (FONTES, 2010, p. 15)

Como última fase do ciclo vital, a velhice representa um fechamento e uma síntese, podendo explicar e dar sentido a todo o ciclo e cuidando, inclusive, das contradições e lacunas na trajetória familiar. Enfatizaria, ainda, a grande dúvida humana sobre a passagem do

homem pelo planeta e o próprio sentido da família como núcleo de relações e de perpetuação da espécie (SILVA, ALVES & COELHO, 2010).

Neste estudo, e tendo em vista o caso a ser analisado, a velhice surge como um momento de visitação na história biográfica do sujeito, permitindo uma visão distanciada e processual da construção da própria vida. Analisar essa etapa – qual seja, a velhice – sob a ótica do ciclo vital familiar e, ao mesmo tempo, focalizar a subjetividade permitirá uma compreensão maior dos efeitos do fenômeno do segredo.

2.3 Identidade e Memória

A pesquisa que desenvolvida exigiu um olhar para a construção da identidade a partir da narrativa memorial, isso porque o sujeito em análise compõe sua autobiografia alinhando a constituição da subjetividade. Para tanto, é mister um pequeno recorte, explorando-se a relação que a narrativa estabelece com a identidade, a partir das memórias ventiladas no diálogo humano.

Segundo Souza, quando falamos de identidade, falamos de:

Uma elaboração social em permanente construção à medida que se molda conforme o contato estabelecido com a alteridade, é dizer, a identidade insere-se num processo contínuo que se encerra com a morte, e, como um estado, altera-se permanentemente. (SOUZA, 2014, p. 91).

O que nos importa nesse momento é compreender a identidade como algo provisório, decorrente de uma trajetória que não comporta estabilidade ou encerramento, já que o humano está sempre em construção. Quebra-se assim a ideia de identidade fixa, essencial ou permanente. Mas como esse processo se dá?

Para Souza, “as identidades são construídas a partir do discurso. O processo de formação das identidades é discursivo, pois é no plano do discurso que as diferenças são estabelecidas e as posições sociais do sujeito são determinadas e assumidas” (SOUZA, 2014, p. 97). Continua a autora, citando Hall, 2011:

É no plano do discurso e das interações sociais e culturais que a identidade ou a identificação é destacada e compreendida como um processo, e é qualificada como aberta, flexível, dúctil, híbrida, móvel. [...] Considerada no plano discursivo, a identidade significa um ponto de encontro, o nó que une os diversos discursos e práticas culturais a que os sujeitos estão expostos e que os interpelam, convocando-os para que assumam seus lugares sociais (SOUZA, 2014, p. 97)

Esse processo discursivo envolve a narrativa. No dizer de Anderson, “a narrativa é uma metáfora de contar histórias que frequentemente aparece na literatura e no discurso da psicoterapia contemporânea, não no sentido literário, mas no sentido de narrativa da vida do dia a dia, a nossa maneira de compor nossas vidas” (ANDERSON, 2009, p. 178).

A narrativa é dinâmica, pois constitui a maneira como organizamos os eventos e as experiências, dando sentido, participando da criação e nos organizando a nós mesmos. Conforme afirma a autora, “nossas histórias formam, informam e reformam nossas fontes de conhecimento, nossas visões da realidade” (ANDERSON, 2009, p. 178). Podemos, assim, inferir que a narrativa, como um esquema discursivo, permite-nos saber de nós e do mundo, dando forma, organizando, provendo sentido e significados às experiências, transformando e sendo transformada e, acima de tudo, possibilitando a compreensão e construção de uma identidade móvel, flexível e mutável: histórias que eu sei de mim e do mundo que me formam e criam “meus mundos”.

Anderson entende, portanto, que o problema da identidade e continuidade ou “o que pensamos como nossa individualidade passa a manter a coerência e a continuidade nas histórias que contamos sobre nós mesmos, construindo narrativas que dão sentido à nossa falta de coerência em relação a nós mesmos e ao caos da vida” (ANDERSON, op. cit., p. 182). Para que isso aconteça, é fundamental recorrer à memória. Sob esse aspecto, Souza, citando Candau (2011), considera que:

É preciso resolver o passado para narrar-se, para construir a identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo. Esse é o ponto que liga identidade à memória e torna possível a afirmação de Candau de que “a memória é a identidade em ação”. (SOUZA, 2014, p. 98)

Mas de que memória estamos falando? Esse fenômeno é objeto de estudo de várias áreas da ciência, desde a neurologia até a sociologia. O que nos interessa para o presente trabalho é olhar a memória sob o ponto de vista da construção do sujeito e, portanto, em seu caráter antropológico e sociológico. Nesse sentido, a memória irá se correlacionar com a identidade de maneira intrínseca, pois a construção da identidade, como acima apontado, está inscrita no processo memorial que envolverá, para Souza, “a reconstituição de um passado, reatualizações e esquecimentos de algumas imagens pretéritas”. Afirma, ainda, a autora que “é preciso trazer a identidade para o discurso e é a memória que o faz, na medida em que permite que o sujeito narre a si mesmo” (SOUZA, op. cit., p. 98). E, citando Le Goff (2003), define memória nos seguintes termos:

A memória é vista como a faculdade humana responsável pela conservação do passado, das experiências vividas. Em razão disso, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (SOUZA, 2014, p. 98)

Memória, portanto, é ouro imagético para a construção do saber de si e do viver. É matéria-prima para a construção do presente, alinhando o passado ao futuro na tecitura do agora. Nora contribui com um olhar poético que ressalta o valor da memória, a saber:

Se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22).

Podemos pensar, nesse sentido, que a rememoração constitui uma forma de reaproveitar o passado, no sentido de reescrever, rever, visitar e fazer novamente o que já foi feito. Considerando que o lembrar focaliza e é dirigido para os objetivos do sujeito, o passado ressurgiu atualizado e ressignificado. Assim, rememorar implica não exatidão, uma vez que as lembranças estão sujeitas a reavaliações, novas versões, equívocos, distorções e, especialmente, esquecimentos (SOUZA, 2014). E, em termos de memória e esquecimentos, vale a observação de Pollak:

O silêncio simulando o esquecimento é um modo de não se curvar às pretensas manipulações memoriais, pois tal simulação traz outro silêncio: a silenciosa transmissão das lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade. Assim, o esquecimento aparente é uma forma de opor-se às imposições de cunho identitário e, por isso, é também um dos caminhos percorridos no processo de construção da identidade (POLLAK, 1989, apud SOUZA, 2014, p. 107).

Em lembranças dissidentes pode-se incluir os não-ditos, os segredos, objeto desta pesquisa e que fazem parte das memórias necessárias à construção da identidade.

Assim, identidade, memória e narrativa estão ligadas por um processo fundamental para a constituição da subjetividade humana. É por meio da narrativa das memórias, bem como do processo de ressignificação que esta envolve, que o humano irá tecer os fios de sua identidade, do saber sobre o si mesmo e sobre o mundo.

O participante deste estudo, mediante a narrativa autobiográfica de suas memórias – dentre elas, os segredos familiares – discorreu sobre a compreensão que tem de si mesmo e do mundo que o circunda e sobre toda a sorte de emoções e ações que permearam sua trajetória existencial.

2.4 Transgeracionalidade

As famílias são compostas por aqueles que possuem uma história e um futuro compartilhados, abrangendo o sistema emocional de três a cinco gerações como um todo, unidas por laços de sangue, legais e/ou históricos. As relações entre seus membros passam por transições ao longo do ciclo vital. Além disso, as mudanças fronteiriças, a distância psicológica entre os membros e os papéis entre os subsistemas são redefinidos de maneira constante (MCGOLDRICK & SHIBUSAWA, 2016). Assim, não há como pensar em família sem pensar em sua história ao longo do tempo e através das gerações. A esses estudos sobre o percurso familiar entre e através das múltiplas gerações foi dado o nome de transgeracionalidade. Na literatura acerca do tema, podemos encontrar as seguintes expressões: intergeracionalidade, transgeracionalidade e multigeracionalidade.

Wagner e Falcke fazem uma clara distinção sobre a nomenclatura acima elencada, afirmando que o “prefixo *trans* (através) resgata os componentes que perpassam a história familiar e se mantêm presentes ao longo das gerações” (WAGNER & FALCKE, 2014, p. 25). Já o prefixo *inter* aponta para a noção de reciprocidade (posição intermediária, entre), indicando a passagem de uma geração à outra, em detrimento da ideia de permanência de tais processos no cotidiano das sucessivas gerações. E, por fim, o prefixo *multi* faz referência à pluralidade de gerações envolvidas, sem privilegiar nenhuma.

Utilizaremos neste capítulo, portanto, o termo transgeracionalidade para dar a ideia do fenômeno transmitido de geração a geração ao longo da história familiar.

Segundo Wagner e Falcke, “o fenômeno da transmissão familiar estuda a diversidade de padrões familiares que se repetem de uma geração à outra, mesmo que as pessoas envolvidas não percebam” (WAGNER & FALCKE, op. cit., p. 21). Destacam as autoras que esse padrão acontece a partir das lealdades, legados, valores, crenças, segredos, ritos e mitos que se perpetuam, fazendo parte da história daquela família.

Conforme apontado anteriormente, os teóricos que apresentaram pela primeira vez a ideia de lealdades familiares foram Bozorményi-Nagy e Spark (2008), enfatizando ser esse o vínculo principal que conecta as diversas gerações familiares. Lealdade que deve ser

compreendida como composta por “fibras invisíveis” e resistentes “que mantêm unidos fragmentos complexos de conduta relacional”. Claro que esse fenômeno produz uma série de obrigações e endividamentos, fortalecendo o vínculo entre os indivíduos dentro da família. Vale destacar, neste momento, a despeito dos teóricos acima, que as fibras de lealdade dentro de um sistema nem sempre são invisíveis, podem ser laços visíveis e passíveis de compreensão e detecção.

A lealdade cria uma força saudável ou não, por meio dos vínculos de conexão entre gerações passadas e futuras numa família. Além disso, marca o pertencimento a um grupo e pode ser uma característica grupal ou uma atitude individual, cujo objetivo é a sobrevivência do próprio grupo (WAGNER & FALCKE, 2014). É importante ressaltar que o grau de lealdade de cada membro dependerá de seu papel no sistema familiar, daquilo que foi delegado transgeracionalmente pela família. Para tanto, o indivíduo deverá interiorizar as expectativas do grupo e assumir uma série de atitudes com o intuito de cumprir os mandatos (BOSZORMÉNYI-NAGY & SPARK, 2008).

Wagner e Fackle (op. cit.) destacam que o componente de obrigação ética na lealdade está vinculado ao sentido de dever e de justiça. A incapacidade ou impossibilidade de cumprir tal obrigação gera sentimento de culpa. As autoras apontam, ainda, que a constituição da lealdade está determinada pela história do grupo familiar, pelo tipo de justiça que é praticada e pelos mitos da família. Essa dinâmica de lealdade dentro de uma família pode ocorrer de forma vertical, muito comum e notória, como por exemplo, de pais a filhos e vice-versa, como também em sentido horizontal, como a lealdade que haverá entre irmãos.

A dinâmica das lealdades familiar está relacionada com a estruturação da família por meio da criação de laços entre as gerações, gerando aquilo que Boszorményi-Nagy e Spark (op. cit.) chamaram de livro-caixa ou livro de contas. Utilizando conceito semelhante, Cerveny observa que “as contas de reparação transgeracional podem ser as forças mais importantes com as quais se trabalha na terapia familiar, pois a família é o grupo com o qual se vive mais tempo e, talvez, o que mais contabilize as injustiças” (CERVENY, 2012, p. 23). O “livro de contas” pode, assim, ser considerado um sistema multigeracional de obrigações e dívidas que devem ser pagas com o tempo, não importando quando ocorreu a dívida, a injustiça. Haverá um movimento buscando a reparação daquela dívida ou pagamento, ainda que não necessariamente pelo devedor original.

A presença de padrões transmitidos através das gerações é algo comum e importante de se estudar. Mesmo que não tenham a intenção e busquem evitar, é provável que as famílias repitam padrões, ainda que disfarçados. Imperioso notar que esses padrões podem ocorrer de

uma geração à outra diretamente (pais para filhos) como também pode ocorrer repetição de modelos dos ancestrais (CERVENY, 2001 e MARTINS, 2012). Assim, não são raros os padrões que, deixando de se manifestar na geração seguinte, aparecem em gerações posteriores.

A análise intergeracional mostra o movimento familiar da família, não como um vetor linear cego no tempo, mas, na circularidade de sua concepção, com um constante olhar para o passado e o futuro, conectando-se num tempo histórico que continuamente explica ao sujeito seu estar no grupo mínimo e fundamental: a família (SILVA, ALVES & COELHO, 2010, p. 130).

Assim, essa herança transgeracional é fundamental para a compreensão da vida do indivíduo, pois o constitui por meio de uma presença sutil, mas profunda, em sua subjetivação.

3 SEGREDOS FAMILIARES

Na Mitologia Grega, há dois importantes mitos que estão interligados e que podem ajudar a inaugurar as discussões acerca da força e do poder dos segredos dentro de uma família ou de uma comunidade.

Prometeu, um titã tido por muitos como brincalhão ou embusteiro, por realizar trapaças, ou ainda filantropo, rouba o fogo dos deuses e o oferece aos homens. Realiza esse gesto ousado, porque Zeus já havia punido os homens privando-os do fogo, o que quer dizer, apartando-os “simbolicamente do *nûs*, da inteligência, tornando a humanidade *naóetos*, isto é, imbecilizou-a” (BRANDÃO, 2010, p. 329). Ressalte-se que essa punição se deu em razão de anterior engodo de Prometeu ao senhor do Olimpo. Enfurecido com o esse roubo, Zeus pune tanto Prometeu quanto os homens, ofertando a estes a primeira mulher – Pandora – para servi-lhes de tentação. Não bastasse isso, ainda presenteia a ela e a seu marido uma caixa que não deveria ser aberta, uma vez que seu conteúdo seria extremamente perigoso. Zeus tinha a intenção de provocar a curiosidade de Pandora e, com isso, prejudicar os homens em mais uma de suas vinganças.

Conforme descreve Brandão “a raça humana vivia tranquila, ao abrigo do mal, da fadiga e das doenças, mas quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu a jarra de larga tampa que trouxera do Olimpo, como presente de núpcias a Epimeteu, dela evolaram todas as calamidades” (BRANDÃO, op. cit., p. 234).

De outro lado, Prometeu, por seu crime, foi condenado por Zeus a um martírio:

Prometeu foi acorrentado com grilhões inextricáveis no meio de uma coluna e tinha o fígado roído durante o dia por uma águia. [...] Para desespero do “acorrentado”, o órgão se recompunha à noite. Zeus jurou pelas águas do rio Estige que jamais libertaria o primo daquela prisão fatal. (BRANDÃO, 2010, p. 329)

Mas Hércules mata a águia e liberta o titã da penitência. Zeus concorda com tal resolução, mas determina que Prometeu carregue “uma argola, confeccionada com os grilhões de aço e, preso a ela, um fragmento da coluna a que havia sido acorrentado” (BRANDÃO, op. cit., p. 329), reafirmando a sua autoridade de deus do Olimpo e se libertando do perjúrio.

Dentre as inúmeras interpretações do mito, o que nos interessa é a compreensão do segredo/revelação e de suas implicações para os envolvidos. Importante destacar que, na dinâmica dos segredos, os verbos segredar, guardar, descobrir, revelar estarão presentes no jogo de forças que esse fenômeno engloba.

Como ilustração, pensemos nos três personagens principais: Zeus, figura do todo poderoso, detentor dos segredos – o fogo dos deuses e o mistério do conteúdo da caixa de Pandora; Prometeu que também sabia do segredo acerca do fogo (não o possuía, mas conhecia seu conteúdo e poderia compartilhá-lo); e Pandora, a figura ingênua que detinha o segredo (caixa), mas desconhecia seu conteúdo (males da humanidade).

Outro ponto relevante para este estudo e que o mito retrata, remete ao fato de que o “dono” do segredo, no caso Zeus, tem também o poder, o fogo – símbolo da inteligência, da lucidez – que havia sido negado aos homens, figuras, nesse momento, tidas como imbecis. E aqueles que poderiam revelar os segredos – Prometeu e Pandora – assumem o risco e a responsabilidade pelas consequências dessas revelações.

Quando o fogo é dado aos homens, estes não mais se tornam figuras isentas de responsabilidades. Prometeu, por seu turno, submete-se às punições de Zeus pelo seu gesto, e Pandora libera os males humanos, gerando dor e angústia. Os homens não mais estão “protegidos” por sua ignorância. Perdem a inocência e são chamados à responsabilidade por seus atos.

Enfim, esse pequeno recorte do mito inaugura nossa discussão: segredos são guardados, pois têm em seu íntimo um risco para seu detentor; sua revelação pode trazer consequências tanto para o “dono” do segredo, quanto para seus portadores e reveladores. Há consequências no revelado, há consequências no segredado. Forças e jogos difíceis de equilibrar. Manter em segredo? Revelar o segredo? Suportar sua revelação? Quais as consequências dessa revelação? A serviço do que tal conteúdo é mantido em segredo? Quem pode saber? Quem pode descobrir? Quem pode revelar? E tantas outras perguntas que permeiam o imaginário das pessoas envolvidas.

Na prática clínica, é inegável a dinâmica do segredo rondando a constituição da subjetividade e do sistema familiar. Os diversos matizes do segredo engendram fenômenos interessantes e importantes para a compreensão da construção biográfica do indivíduo, pois podem interferir direta ou indiretamente ao longo do seu ciclo vital. Assim como Pandora, a pessoa tem em suas mãos uma caixa com conteúdo importante, mas desconhecido. Algo está ali, presente, rondando as relações, as ações e os vínculos. Assim como no mito de Prometeu, há o medo de revelar, pois punições podem atingir a pessoa e seus afetos.

De outra parte, poucos estudos e discussões acerca do tema a literatura contemporânea apresenta, sendo imperiosa a contribuição de novas pesquisas envolvendo esse tema.

Segundo Wagner e Falcke “os segredos surgem como forma de esconder determinados fatos que não correspondem às exigências estabelecidas pelos padrões familiares, bem como,

aos tabus sagrados que se mantêm entre as gerações”. (WAGNER & FALCKE, 2014, p. 35) Florence reafirma que a palavra, derivada do latim *secretu*, é “um lugar à parte, pensamento ou acontecimento que não deve ser revelado, mistérios (de um culto religioso)” (FLORENCE, 1999, p. 164). Continua o autor, apontando para o fato de que é somente a partir do século XVI que o “conteúdo escondido” toma um lugar psicológico, fazendo referência à interioridade da pessoa.

O segredo propõe-se a designar a vida íntima e não revelada de alguém. As expressões parecem testemunho dessa acepção: “os segredos do coração”, “ter o segredo de alguém”, “confiar um segredo”, “fazer parte do segredo”. Como a informação que se pretende manter escondida ou reservada não o é para sempre, existem expressões desdenhosas, tais como: segredo de comédia (uma peça de teatro que o público pode entender), o segredo de Polichinelo (1808, este personagem grotesco da *Commedia dell'arte*, sendo muito frequentemente zombado, seus segredos não enganam mais). (FLORENCE, 1999, p. 164)

Despret define o segredo “como aquilo que organiza o que se mostra e o que se esconde”. Aponta o autor que a palavra segredo vem das palavras “*secretus* que é a forma de particípio passado de *secernere*: separar” e destaca o fato de o segredo não estar necessariamente servindo para esconder, mas, sobretudo, para estabelecer o que deve ser separado: “Daí 'colocar na solitária', que designa a prisão, não como aquilo que se deveria esconder, mas como o que deve ser descartado. Não é o que faz um segredo: organizar o que deve ser separado?” (DESPRET, 2011, p. 12). E ressalta:

O segredo, portanto, não é tanto o que se esconde ou se desvela, mas o que se separa, o que deve ser separado e, em minha opinião, aquilo que separa. Essa última definição cria uma ligação entre a exigência do segredo que pesa sobre o paciente – o segredo cria a intimidade, fabrica a interioridade, inclusive, nunca se sabe, aprende-se a se separar (por exemplo, a não mais desabafar, a se conter, pense em tudo o que estes termos evocam) – e aquilo que se impõem os terapeutas. (DESPRET, op. cit., p. 15)

É comum perceber que os segredos familiares envolvem fatos, acontecimentos ou ações que podem ser socialmente considerados motivo de vergonha e cuja revelação teria consequências ruins para aquela família. Imber-Black adverte que “é no conteúdo específico de um segredo que se encontram as origens do estigma, vergonha e o medo da revelação e da dissolução da família, que alimenta poderosamente o processo de manutenção do segredo” (IMBER-BLACK, 1994, p. 22). Conforme lembra Vangelisti:

A maioria das famílias tem segredos de algum tipo - eventos ou informações que os membros escondem uns dos outros ou daqueles que estão fora da família. Talvez porque os segredos, por definição, sejam compostos de informações que são propositadamente “esqueletos no armário”. (VANGELISTI, 1994, p. 1, nossa tradução)

Por outro lado, os segredos podem incluir acontecimentos preciosos para algumas pessoas e representar um lugar de profunda intimidade e especialidade. Mason afirma que “alguns segredos podem ser delícias particulares, consistindo de surpresas para pessoas amadas ou pactos pessoais mantidos com outros. Através do segredo, podemos nos sentir especiais” (MASON, 1994, p. 41). Esse é um argumento também defendido, de certo modo, por Imber-Black:

Alguns segredos são positivos, tais como os segredos temporários envolvidos em muitos rituais ou na oferta de presentes, os segredos que os adolescentes escondem dos pais a fim de começar o processo de diferenciação, os segredos carinhosos acerca de vulnerabilidade, que os casais guardam, ou aqueles que as pessoas oprimidas conservam de seus opressores, garantindo-lhes uma fonte de conexão e força. (IMBER-BLACK, 1994, p. 22)

O sentimento de vergonha que assombra o segredo é retomado por Despret quando esse autor aponta para o fato de que “o segredo não separa apenas o que é público e o que é privado, ele separa as coisas das quais se pode orgulhar daquelas que envergonham” (DESPRET, 2011, p. 16).

Vale lembrar que vergonha, segundo Giddens, “afeta diretamente a autoidentidade, porque é essencialmente a ansiedade sobre a adequação da narrativa por meio da qual o indivíduo sustenta uma biografia coerente” (GIDDENS, 2002, p. 65). Esse teórico destaca, ainda, o fato de a vergonha ter origem muito cedo e ser estimulada por experiências que geram sentimentos de humilhação e inadequação. Fossum e Mason (1986), por sua vez, ressaltam que a vergonha “é mantida no *self* e significa mais do que a desmoralização ou embaraço”.

A vergonha é um senso íntimo de ser completamente diminuído ou ser insuficiente como uma pessoa. É o *self* julgando o *self*. Um momento de vergonha pode ser uma humilhação tão dolorosa ou uma indignidade tão profunda que o indivíduo sente-se roubado de sua dignidade ou exposto como basicamente inadequado, mau ou digno de rejeição. Um senso abrangente de vergonha é a premissa contínua de que o indivíduo é fundamentalmente mau, inadequado, defectivo, indigno ou não completamente válido como um ser humano. (FOSSUM & MASON, 1986 *apud* MASON, 1989, p. 51)

Ao que parece, vergonha e segredo estão intimamente ligados, da mesma forma que vergonha e fronteiras de público/privado também estão relacionadas. Isso porque a vergonha tem ligação direta com o contexto cultural e social das famílias e seus indivíduos. O que é tido como vergonhoso e deve ser mantido fora do alcance do coletivo/público é conteúdo aprendido e transmitido pelas famílias que, por seu turno, bebem das fontes sociais – em suas normas e regras – para definir o que deve ser mantido fora das vistas do público. Nesse sentido, Mason aponta para o fato que “não poderemos falar sobre a vergonha sem discutirmos os sistemas mais amplos, o contexto cultural” (MASON, 1994, p. 42). Acrescenta essa autora que:

Se uma família tem um sistema relativamente aberto – isto é, seus membros estão livres para comentar o que aconteceu e para passar isto adiante como uma história da família – ela está menos propensa a unir-se na vergonha. As famílias mais fechadas e leais às regras de “não falar, não confiar, não sentir” frequentemente criam mitos familiares ou histórias desonestas para esconder segredo. (MASON, *op. cit.*, p. 43)

Bock, por seu turno, esclarece as confusões existentes entre aquilo que é segredo e aquilo que é de âmbito privado:

Privacidade e segredo se sobrepõem sempre que os esforços de controle se sustentam no ato de esconder. Mas a privacidade não precisa se esconder; e o segredo se esconde muito mais do que o privado. Um jardim privado não precisa ser um jardim secreto; uma vida privada raramente é uma vida secreta. Por outro lado, a diplomacia secreta raramente diz respeito ao que é privado, não mais do que fazer arranjos para uma festa surpresa ou para escolher vencedores de prêmios.

Por que, então, a privacidade e o segredo são tantas vezes equiparados? Em parte, isso é assim porque a privacidade é um componente tão central daquilo que o segredo protege que faz com que esses conceitos sejam vistos como uma unidade. As pessoas reivindicam privacidade para estabelecer diferenças entre o que são, fazem e possuem; se necessário, procuram a proteção adicional do segredo. Em cada caso, seu objetivo é tornar-se menos vulnerável, e estar mais em controle. (BOCK, 1989, p.11, nossa tradução)

O momento contemporâneo também acentua as questões dos limites entre o público e o privado e o lugar do segredo em nossa sociedade e em nossas relações, o que leva Imber-Black a observar que “este dilema particular da privacidade *versus* segredo tem sido encenado na sociedade, nos debates legais” (IMBER-BLACK, 1994, p. 30). Com o advento da internet e das novas formas de comunicação em rede, os limites relacionados ao que deve ser mantido privado e ao que será objeto de exposição pública também estão em discussão. Nesse sentido, Tejera cita Baudrillard em sua dissertação de mestrado para defender não só o direito à manutenção do privado, como também a necessidade do segredo:

Jean Baudrillard, em *Telemorfose* (2004, p. 24), afirma que o comunicar sem fim é um ato extremo de violência contra a ideia de singularidade e de segredo. Trata-se de uma violência contra a linguagem, que perde a originalidade, tornando-se mera ferramenta para tornar tudo visível, livre de qualquer metáfora, de qualquer simbologia. Neste caso, a linguagem deixa de ser importante, enquanto expressão do simbólico, para valer somente como vetor que vai mostrar o real, perdendo toda a sua dimensão metafórica. Aqueles que se incomodam com as revelações públicas podem perceber, na esteira das ideias de Baudrillard, que a problemática da revelação da privacidade não está somente no ato de tornar público, mas ao contrário que ela traz à tona que é a questão do segredo. Deveria ser um direito assegurado para quem o deseja, assim como é assegurado, e mais ainda na atualidade, a disposição de revelar. Mas proteger o segredo, muitas vezes, parece ser impossível. (TEJERA, 2006, p. 90)

Para aprofundar o tema, Imber-Black (1994) amplia o olhar de Karpel (1980) no seguinte sentido:

Karpel sugeriu que a distinção entre segredo e privacidade seja traçada determinando-se a relevância das informações para a pessoa que atualmente as desconhece. Podemos ampliar isto, afirmando que qualquer informação que afete diretamente o bem-estar de um indivíduo, mas está sendo retida, dele mesmo ou de outros que podem efetuar a proteção necessária, assume uma dimensão de segredo, não de privacidade. (IMBER-BLACK, 1994, p. 31)

Mason defende que “um senso de vergonha pode nos proteger da exposição degradante – que ele protege nosso íntimo, nosso espírito. A ponte entre a privacidade e a vergonha é o segredo” (MASON, 1994, p. 41).

Dentro das famílias, a vergonha pode estar ligada a comportamentos de um ou de vários membros, a histórias passadas que criam um elo entre as próximas gerações no sentido de manter escondido e distante do olhar público aquele acontecimento que talvez leve a um sentimento de humilhação para todo o sistema. Segundo Mason “a vergonha pode ser bem

mascarada e mantida através de nossa lealdade às regras familiares, quando continuamos mantendo o ciclo de vergonha e segredos. A vergonha gera a vergonha” (MASON, 1989, p. 50).

É possível também pensar em uma tipologia dos segredos como a que foi desenvolvida por Karpel, a partir dos limites traçados pelas relações familiares: segredos *individuais*, quando são guardados por um membro da família em relação aos demais; segredos *internos*, que são guardados por, pelo menos, dois membros em relação a um terceiro; e segredos *compartilhados*, que são aqueles que toda a família conhece, mas esconde do mundo exterior (KARPEL, 1980 apud WAGNER & FALCKE, 2014, p. 35). Pensando na estruturação das fronteiras dentro do sistema familiar, o segredo pode ser responsável pela formação de díades, triangulações, alianças, divisões e rompimentos, definindo quem está "dentro" e quem está "fora" (IMBER-BLACK, 1994).

Nos sistemas familiares, os segredos tendem a gerar problemas, sobretudo quando este fenômeno se perpetua ao longo das gerações, uma vez que, como no mito de Pandora e Prometeu, aprisionam o indivíduo que o suporta por meio de condenações infundáveis, medos sem face, peso sem forma, laços e nós invisíveis.

4 MITOS FAMILIARES

Wagner e Falcke entendem que o “mito é um sistema explicativo de aspectos da vida que, conscientemente, são difíceis de serem compreendidos ou aceitos” (WAGNER & FALCKE 2014, p. 34). Os mitos familiares poderiam ser considerados como uma das formas de expressão do mito em nossa época, contribuindo para a criação de um sentido de coesão e inclusão dos indivíduos em uma genealogia e em uma história (GOMES, 2000, p. 37)

Cervený, empregando a definição de Andolfi, entende serem os mitos “estruturas móveis que se constroem e se modificam com o tempo”. Nesse sentido, os mitos familiares constituiriam um “conjunto de leituras da realidade, em parte herdado pela família de origem, em parte construído pela família atual, de acordo com suas necessidades emotivas”. A autora compactua com a ideia de que o mito familiar é “algo de que a família necessita para ler a realidade” (CERVENÝ, 2001, p. 56). Também Melo, Magalhães e Féres-Carneiro apontam a importância do mito na estruturação da família:

O mito familiar é estruturante do funcionamento da família e do destino de seus integrantes [...]. O mito é um sistema de crenças compartilhadas pelos membros de uma família que, frequentemente, não é questionado por nenhum de seus membros e que trata de explicar – também encobrendo – aspectos conflitivos da história do grupo que constituem a identidade familiar. (MELO, MAGALHÃES & FÉRES-CARNEIRO, 2014, p. 170)

Destaque-se que o primeiro olhar para o mito familiar foi lançado por Ferreira (1963), que o entende como uma função defensiva da família visando à manutenção da homeostase e à estabilidade das relações. A definição do conceito, de acordo com Krom, inclui crenças que, não obstante apresentarem distorções da realidade, são sistematizadas e compartilhadas por todos os membros da família sem que haja contestação (KROM, 2000). Segundo essa autora, entende-se que a homeostase em uma família, vista como um sistema, é a busca pela manutenção de um equilíbrio interno, havendo uma resistência às mudanças (KROM, op. cit.). Já a estabilidade das relações pode ser pensada em termos de padrões interacionais que são perpetuados entre as gerações, dando a sensação de um pseudoequilíbrio e continuidade.

Marilene Krom ainda aponta para a importância de se olhar o “não-questionamento de algumas crenças que permeiam a vida familiar e são visualizadas em algumas formas de agir, que não se modificam com o passar dos anos” (KROM, op. cit., p. 28). De acordo com a autora, esse modo de funcionar nas famílias pode levar a problemas sérios de relacionamento, como por exemplo, a perpetuação de comportamento alcoologista.

Os mitos familiares têm funções bem delimitadas e apontadas por vários estudiosos (NEUBURGER, 1999; KROM, 2000; GOMES, 2000; CERVENY, 2001; MARTINS, 2012; WAGNER & FALCKE, 2014). Tais funções englobam a homeostase, a proteção e a segurança familiar, bem como a manutenção dos vínculos através das gerações, possibilitando a experiência de pertença, união e continuidade.

Obviamente, os mitos familiares apresentam aspectos positivos e negativos na constituição dos sistemas familiares e dos indivíduos. Se, por um lado, a proteção cria a experiência de pertencimento e enraizamento, por outro, pode gerar padrões de comportamento que aprisionam e mantém a pessoa rígida. Entende-se, aqui, por enraizamento, o conceito adotado por Safra, com base no trabalho da filósofa Simone Weil:

Simone Weil tem colocações muito lúcidas a respeito dessas questões. Ela nos ensina que o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. [...] Para ela, o desenraizamento é a mais perigosa doença das sociedades humanas, pois multiplica a si própria. (SAFRA, 2004, p. 138)

Cardella, na esteira de Safra (2004) e Weil (2001), irá apontar que o desenraizamento é uma forma de sofrimento que se caracteriza pela “perda das raízes na condição humana”. Nesse sentido, os desenraizamentos representam uma forma de sofrimento que “não se referem a uma *interpretação negativa da vida*: são sofrimentos que refletem uma sensibilidade para a verdade da condição humana” (CARDELLA, 2017, p. 53, destaque da autora).

Considerando que a primeira comunidade em que, em geral, o ser humano se inscreve é sua família de origem, podemos concluir a importância de se sentir pertencente ao grupo familiar, perpetuando sua forma de ser e agir, criando laços que vinculam o indivíduo a uma história e, quiçá, a uma humanidade. O enraizamento cria uma experiência de lugar no mundo humano.

Gomes aponta que a "dimensão multigeracional dos mitos familiares encontra uma ligação estreita com a dimensão primordial dos mitos nas sociedades arcaicas ou tradicionais" (GOMES, 2000, p. 50). Nesse sentido, ensina a autora, o mito irá conferir significações e valor à existência, incluindo “cada membro individual de uma família numa genealogia, através da revelação dos modelos ‘originais’” (GOMES, op. cit., p. 50). Sendo transmitido ritualisticamente, o mito contribui para dar significado ao mundo e à existência humana.

Krom reflete, também, sobre as questões de diferenciação e indiferenciação

concernentes aos mitos familiares. Para essa autora, caberia a cada integrante da família buscar diferenciar-se em um esforço de leitura da realidade, ou seja, de uma ampliação da consciência. Isso porque os mitos familiares, na qualidade de um sistema simbólico, imaginário e cultural, são compartilhados na família de modo inconsciente e, nesse sentido, contribuem para os aspectos de indiferenciação (KROM, 2000). Cerveny (2001) faz eco a essa afirmação, quando aponta que, muitas vezes, as famílias não se dão conta dos mitos (CERVENY, 2001), já que esses e todos os aspectos por eles abrangidos estão incorporados à rotina do grupo familiar. Isto faz com que, revelado o mito, haja surpresa, incredulidade e, até mesmo, negação.

Um dos aspectos importantes na transmissão do mito é a ritualística familiar. Os rituais podem ser entendidos como uma série de atos e comportamentos codificadores, repetidos ao longo do tempo, e cuja função é transmitir aos membros do grupo valores, atitudes e comportamentos para situações específicas ou emocionais (KROM, op. cit.).

Imber-Black, por sua vez, aponta as cinco funções dos rituais dentro de um sistema familiar (IMBER-BLACK, 2016, p. 484), quais sejam:

- a) relacionar-se – moldar, expressar, manter e alterar os relacionamentos;
- b) mudar – fazer e marcar transições;
- c) curar – recuperar-se de perdas, traumas ou traições nos relacionamentos;
- d) acreditar – expressar crenças e atribuir um significado;
- e) celebrar – afirmar profunda alegria e reverenciar a vida com festividades.

Os ritos estão diretamente ligados às regras da família e se tornam um sistema de intercomunicação, pois, além das ações, os rituais são caracterizados por uma densidade simbólica, ou seja, guardam em seu bojo uma multiplicidade de significados e a possibilidade de expressar o que as palavras por vezes não dão conta (KROM, 2000, p. 31).

Penso, Costa e Ribeiro irão apontar o sentido de pertencimento que os mitos e ritos proporcionam aos membros do sistema familiar:

Os mitos e ritos familiares são fundamentais no desenvolvimento da família, pois fornecem um sentido de pertencimento, mas precisam ser suficientemente flexíveis para se transformarem, ao longo do tempo. O Mito é uma criação coletiva que diz respeito a todos os membros da família e que é, em parte, “herdado” da família de origem e precisa ser compreendido pela sua dimensão transgeracional. Como apontam esses autores, para se compreender o significado do mito é necessário considerar, pelo menos, três gerações. (PENSO, COSTA & RIBEIRO, 2008, p.14)

Krom classifica os diversos mitos familiares. Primeiro, a autora separa os mitos entre:

Mito Espinha Dorsal, apontando para aquele que “nor-teia a estrutura e o funcionamento da família e determina o maior número de pautas e de regras”; e os *Mitos Auxiliares* que são aqueles que “se delineiam com o passar do tempo” e determinam pautas complementares (KROM, 2000, p. 32). Além dessa importante distinção, a autora se preocupou em enumerar uma série de mitos que podem ser considerados clássicos nas dinâmicas familiares. Vale um olhar mais detalhado sobre algumas das categorias propostas por Krom.

O *Mito da União* favorece o pertencimento e a manutenção de padrões afetivos. É comum que esse mito gere uma expectativa individual ou familiar de recuperação dos padrões de proximidade e afetividade. O *Mito da Propriedade* está ligado aos arranjos de casamento com a finalidade de preservação do patrimônio, sendo transmitido ao longo de gerações, de modo a assegurar a manutenção dos bens e a estabilidade familiar.

Outras categorias importantes citadas pela autora são os *mitos da Conquista* e *Sucesso*. Esses mitos relacionam-se às formas de obter bens e coisas e, normalmente, têm origem em modelos familiares exemplares que são cultuados. A conquista, entretanto, é diferente do sucesso: no *Mito do Sucesso* há o sobressair-se, ser admirado e imitado, enquanto no *Mito da Conquista*, a busca é por amearhar coisas materiais e conquistar pessoas.

A autora ainda ressalta três mitos: *Mito da Religião*, *da Autoridade* e *do Poder*. O *Mito da Religião* tem conexão com a prática de uma vertente religiosa, presente na história daquele sistema familiar, envolvendo normas e significados. O *Mito da Autoridade*, por sua vez, diz respeito à hierarquia familiar de poder que estabelece o exercício de diferentes funções pelos componentes da família. Por fim, o *Mito do Poder* ocorre em famílias normalmente marcadas por história de patriarcado e autoritarismo, em que prevalece o abuso de autoridade.

Frente ao acima exposto, podemos considerar que os mitos familiares constituem um fenômeno importante na relação com os segredos familiares. Conforme aponta Cerveny, “os mitos familiares são, na maioria das vezes, sustentado pelos segredos familiares” (CERVENY, 2001, p. 57). Ressalta, ainda, essa autora, que é por meio da comunicação tanto verbal quanto não-verbal que se processa a transmissão e a manutenção dos segredos e dos mitos. É, também, por meio da comunicação, que um segredo pode se tornar mito, “quando já se estabelece em torno do mesmo (segredo) um sistema de crenças compartilhado e transmitido intergeracionalmente” (CERVENY, op. cit., p. 58).

Já Bucher afirma que “os segredos surgem da irrealidade do mito, contrapondo-se à convicção compartilhada de sua veracidade e têm o propósito de preservar os mitos da harmonia, da unidade, da união familiar, impedindo sua desestabilização” (BUCHER, 1985

apud Cervený, 2001, p. 58). Esse olhar nos parece bastante condizente com o fenômeno do segredo familiar, uma vez que os mitos podem, sim, pedir a ocultação de fatos a fim de manter sua força existencial no seio da dinâmica da família.

5 MÉTODO

Para atingir os objetivos propostos, foi utilizada uma abordagem qualitativa de pesquisa, a partir da perspectiva sistêmica, implementada por meio de um estudo de caso instrumental, desenvolvido com a utilização de entrevista semiestruturada, genograma lúdico e *sandplay*.

Os estudos qualitativos abordam as coisas em seus cenários naturais para, dessa forma, entender ou interpretar de que modo as pessoas conferem significados aos fenômenos vividos. Partem, portanto, do pressuposto de que o observador compõe o evento estudado e de que é por meio das representações da realidade que podemos conhecê-la. Com isso, esse tipo de pesquisa lança mão de um conjunto de práticas interpretativas sobre o objeto, a partir de suas representações, entrevistas, conversas e histórias de vida, dentre outros recursos. (DENZIN & LINCOLN, 2006). A esse respeito, Creswell afirma que:

A pesquisa de estudo de caso é uma abordagem qualitativa na qual o investigador explora um sistema contemporâneo da vida real (um caso) ou múltiplos sistemas delimitados (casos) ao longo do tempo, por meio de uma coleta de dados detalhada em profundidade, envolvendo múltiplas fontes de informação (p. ex., observações, entrevistas, material audiovisual e documentos e relatórios) e relata uma descrição do caso e temas do caso. (CRESWELL, 2014, p. 86)

Este estudo seguiu essa abordagem, por se entender que esse seria o melhor caminho metodológico para atingir a compreensão do fenômeno que se pretende desvelar. Para tanto, foram utilizados diversos instrumentos de coleta de dados a fim de triangular os resultados com uma ampliação do olhar sobre a experiência do sujeito.

5.1 Estudo de caso

O estudo de caso (EC) se justifica na presente pesquisa uma vez que se deseja entender um fenômeno do mundo real. Nesse sentido, a presença de segredos em um sistema familiar e o “caso” em investigação englobou importante condição contextual pertinente ao assunto.

Segundo Yin, o estudo de caso “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo (o caso) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente

evidentes” (YIN, 2015, p. 17). Para Stake, “o EC é o processo de aprender sobre o caso e o produto de nossa aprendizagem, por meio do estudo do particular” (STAKE, 1994, p. 236). Ressalta, ainda, esse autor, que quanto mais específico, único e interligado for o sistema objeto da pesquisa, maior a indicação para a utilização do estudo de caso. Kublikowski, seguindo a compreensão de Creswell (2014), posiciona-se no sentido de que:

O EC qualitativo pode ser definido como processo de investigação, unidade de análise (o sistema delimitado, o caso) ou o produto final. Enquanto tal se constitui por meio da descrição e análise intensiva e holística de uma entidade singular. Os estudos de caso são singulares, descritivos e heurísticos e como em qualquer pesquisa, a escolha pela estratégia do estudo de caso depende do que o pesquisador quer conhecer. (Kublikowski, 2018, p. 32)

A pesquisa em foco trata-se de estudo de caso instrumental, no qual, segundo Stake (1994), o caso é escolhido por permitir a compreensão de uma questão – neste caso, os segredos familiares e sua transmissão intergeracional. Ainda segundo o autor, essa modalidade é escolhida quando se intenta fornecer uma ampliação acerca de uma questão ou permitir o refinamento da teoria.

5.2 Participante

O participante desta pesquisa foi selecionado de forma intencional, ou seja, foi escolhido um indivíduo que mais bem pudesse informar sobre o problema de pesquisa. Yin ensina que:

Em pesquisa qualitativa, as amostras tendem a ser escolhidas de uma maneira deliberada, conhecido como *amostragem intencional*. O objetivo ou propósito de selecionar as unidades de estudo específicas é dispor daquelas que gerem os dados mais relevantes e fartos, considerando seu tema de estudo. (YIN, 2016, p. 79)

Sendo assim, foi preciso que o indivíduo escolhido tivesse uma história para contar sobre as suas experiências com o tema em análise (CRESWELL, 2014). No caso, o participante eleito deveria, como critério de inclusão, ter experimentado a presença de segredos no âmbito familiar, segredos esses originados na geração dos avós.

Vale salientar que houve uma divulgação do convite para participação voluntária e espontânea, tendo sido selecionada a pessoa que melhor se enquadrava na temática que é objeto de estudo.

Com base nos critérios expostos, a pessoa escolhida para participar da pesquisa foi um homem, casado, judeu, com 72 anos de idade, oriundo de país africano e residente no Brasil há, aproximadamente, 60 anos. Atualmente aposentado, trabalha para complementar a renda. Na ocasião das entrevistas realizadas, contava com dois filhos, ambos casados, e um neto. Ao saber da temática da pesquisa, ficou interessado pelo trabalho e se ofereceu para ser um participante.

5.3 Procedimento de coleta de dados

Os procedimentos de coleta incluíram a escolha do participante, conforme acima apontado. Ou seja, após a divulgação do convite, foi selecionado o participante que pode informar sobre o tema da pesquisa.

Após essa escolha, foram realizadas cinco sessões que englobaram:

- a) entrevista semiestruturada, a fim de conhecer a história de vida do participante e a presença do segredo no âmbito da família sob um olhar transgeracional;
- b) genograma lúdico, para compreensão das relações familiares, padrões, repetições, dentre outros fenômenos familiares, tendo o segredo sido articulado nesse enquadramento.
- c) dois cenários na areia, para representação simbólica da família do participante.

Destaque-se que todo o material foi gravado e fotografado para compor os dados a serem analisados.

5.3.1 Entrevista semiestruturada

As entrevistas são uma fonte importante de informação para o estudo de caso. São parecidas com conversações feitas de maneira guiada, provavelmente mais fluida e não rígida (YIN, 2015). A conversação, que se constitui no modelo básico da interação humana, nos permite conhecer as experiências, sentimentos, esperanças bem como as crenças, valores, e significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo que as cerca (KVALE, 1996). Bell lembra que as entrevistas não estruturadas “podem e produzem uma riqueza de

dados valiosos, mas elas também requerem muita perícia para controlá-las e muito tempo para analisá-las” (BELL, 2008, p. 138).

A entrevista proposta teve um caráter semiestruturado o que significa dizer que não houve um roteiro rígido a ser seguido (Apêndice 3 – Roteiro de entrevista). Segundo Yin (2016), não é viável que o questionário contenha uma lista exaustiva das perguntas a serem feitas ao participante. Isto não quer dizer que o pesquisador não tenha um roteiro do que interessa ou seja importante investigar, mas o curso da entrevista segue uma qualidade que Yin denomina conversacional. Para esse autor, “a entrevista em si levará a uma espécie de relacionamento social, com a qualidade da relação individualizada para todo participante” (YIN, 2016, p. 119).

A entrevista semiestruturada é composta de perguntas abertas, que dão oportunidade ao entrevistado de expor com maior liberdade o tema em questão. Ainda que o pesquisador siga um conjunto definido de temas, o contexto pode ser muito semelhante ao de uma conversa informal, permitindo ao entrevistador elucidar algum ponto que não ficou muito claro, ou mesmo trazer o entrevistado novamente para o assunto, quando este se desviar do tema com novas perguntas e questões que não necessariamente estavam definidas (BONI & QUARESMA, 2005).

O objetivo de utilizar esse instrumento de coleta de dados é permitir que o entrevistado tenha a liberdade de falar sobre o que é importante para ele, ampliando as possibilidades de investigação do tema; mas ressalte-se que tal liberdade será observada até o limite suficiente para garantir que todos os tópicos considerados do estudo sejam cobertos.

A entrevista semiestruturada possui algumas vantagens, sobretudo em pesquisa qualitativa. Uma delas é a possibilidade de ampliar o assunto em pauta ou incluir, a qualquer tempo, informações adicionalmente fornecidas pelo participante. Essa forma de entrevista pode, ainda, permitir maior abertura e proximidade com o entrevistado, favorecendo respostas espontâneas, como também permite ao pesquisador abordar temas complexos e até delicados. Importante destacar que a espontaneidade pode favorecer o aparecimento de conteúdo inesperado, que poderá ser de grande utilidade para a pesquisa (BONI & QUARESMA, 2005).

5.3.2 Genograma e Genograma lúdico

Conforme aponta Cerveny (2011), o Genograma evoluiu da Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen e hoje é usado, na clínica, como instrumento de pesquisa qualitativa na área de família e no processo de supervisão e formação de terapeutas de casal e família, e, quando existe o interesse em pesquisar a herança intergeracional, em outros contextos, como a área médica, a orientação profissional e o processo de sucessão em empresas.

Zerbini ressalta que o genograma, “é profícuo pela diversidade e amplitude dos elementos que apresenta, tanto para o psicodiagnóstico como para a avaliação de mudanças durante o processo terapêutico ou mesmo para o encerramento desse processo” (ZERBINI, 2014, p. 17). É um valioso instrumento para as pesquisas que envolvam um olhar sistêmico.

Kruger e Werlang (2008) apontam para o fato de o genograma ser um instrumento de avaliação e intervenção que proporciona uma aproximação com as heranças simbólicas recebidas e transformadas pelas novas famílias através de gerações. Por meio do genograma, pode-se alcançar o conhecimento dos fatos significativos da geração atual e das gerações passadas, os modelos de repetição, as profecias, o modo de lidar com as perdas e as doenças (Cerveny, 2011). Enfim, o genograma é um potente recurso para se vislumbrar não só a estrutura familiar, como também sua dinâmica, que inclui vínculos, relacionamentos, cortes emocionais, lealdades, crenças, mitos, segredos rituais e toda uma sorte de situações familiares.

No entender de McGoldrick et al. “o genograma foi consagrado como uma estrutura prática para compreensão dos padrões familiares” (MCGOLDRICK et al., 2012, p. 21). O seu formato padronizado, continua a autora, transformou-se em uma linguagem comum para rastrear e identificar a história e os relacionamentos familiares.

O genograma, conceituam Krüger e Werlang, “tem sido definido como um desenho gráfico da vida familiar com o objetivo de levantar informações sobre os seus membros e suas relações, através de gerações, constituindo-se numa ferramenta de avaliação” (KRÜGER & WERLANG, op. cit., p. 415). McGoldrick et al. esclarecem que as informações registradas pelo genograma sobre os membros de uma família e suas relações abarcam pelo menos três gerações; exibindo “graficamente as informações familiares de forma a possibilitar uma rápida *Gestalt* dos padrões familiares complexos” (MCGOLDRICK et al., op. cit., p. 21).

Os genogramas provaram-se adequados para a pesquisa qualitativa, na qual os dados são coletados por meio de observação, entrevistas em profundidade e demais recursos que permitem ouvir as opiniões dos participantes da pesquisa. Além disso, é um instrumento que

incentiva o participante a contar sua história, permitindo ao pesquisador representar os dados de uma forma estética que dê vida a seus achados (McGOLDRICK et al., 2012.).

Entretanto, visando enriquecer o estudo e a coleta de informações, a presente pesquisa utilizará a forma lúdica de genograma de modo a ampliar o olhar sobre o fenômeno. Entende-se que no genograma lúdico há a combinação da estrutura do genograma, conforme acima exposto, e a utilização de itens em miniatura, tais como pessoas, animais e objetos de todos os tipos, a fim de permitir que a pessoa em estudo crie genogramas imaginativos, que se tornem uma avaliação reveladora (McGOLDRICK et al., op. cit.). McGoldrick et al. apontam, ainda, que:

A técnica do genograma lúdico com frequência desvia a resistência do cliente e pode levar a revelações francas que implicam percepções de si e dos outros. Um dos motivos para ocorrer isso é porque as narrativas que os indivíduos desenvolveram sobre si mesmos, sua família e a sua infância se tornaram rígidas e de autorreforço, levando à exclusão de determinadas informações. (MCGOLDRICK et al., 2012, p. 238)

Assim sendo, na presente pesquisa, o genograma lúdico será um instrumento estético e facilitador da organização e coleta das informações transgeracionais da família do participante, permitindo desenhar as repetições, os vínculos e a presença de segredos nos diversos relacionamentos dentro do sistema.

5.3.3 *Sandplay*

O Jogo de Areia ou *Sandplay* é um método baseado na montagem prática e criativa de um cenário (ou cena, ou imagem) em uma caixa contendo areia, com ou sem uso de miniaturas. Quem brinca na caixa de areia, seja adulto ou criança, cria várias imagens tridimensionais, envolvendo-se nesse processo com corpo, alma e espírito e permitindo a construção lúdica e tridimensional de cenas e passagens de sua própria história de vida.

É um recurso terapêutico que permite aos clientes criarem cenas ou representações abstratas em uma caixa rasa, cheia até a metade de areia, utilizando água, miniaturas e materiais diversos, como palitos de picolé, retalhos, conchas, pedras, contas etc. – tudo o que possa reproduzir, de forma real ou simbólica, o seu momento existencial. Utilizando uma linguagem pré-verbal, imagética, o Jogo de Areia pode acessar níveis muito profundos do cliente, conteúdos regressivos e memórias primordiais (BRITO, 2007). Baseia-se no princípio de que, por meio da criação com as mãos, as forças que atuam nas profundezas da alma se

tornam visíveis e reconhecíveis, e que, através das mãos, o interior e o exterior, o espírito e a matéria se unem. Conforme ensina Amman, "graças ao método 'mão na massa' do Jogo de Areia, as dimensões espiritual e psicológica não são apenas consteladas na pessoa, mas ao mesmo tempo lhes é conferida uma forma concreta através das mãos da pessoa" (AMMAN, 2004, p. 11). Esse fato teria grande efeito curativo, em razão de mobilizar as energias criativas e retomar a sua fluidez.

O equipamento básico para o Jogo de Areia consiste numa caixa retangular rasa, com dimensões de 72 X 50 X 7,5 cm e cheia até a metade com areia. Prevê-se, ainda, a utilização de miniaturas que representem elementos do mundo: animais, humanos e toda sorte de objetos simbólicos.

Kalff (2003) afirma que "o símbolo desempenha um grande papel na terapia do jogo de areia [...]. Eu uso uma caixa de areia com dimensões 28,5 x 19,5 x 3 polegadas. Esse tamanho limita a imaginação do jogador e, portanto, atua como um fator regulador e protetor" (KALFF, 2003, p. 8, nossa tradução).

O Jogo de Areia não é apenas um método de terapia, mas um meio ativo mediante o qual os conteúdos da imaginação são feitos reais e visíveis. Desse modo, elementos psíquicos poderiam ser projetados na caixa em uma representação tridimensional (FRANCO & PINTO, 2003). Apontam, ainda, Franco e Pinto (2003) que, como técnica de investigação clínica, o *sandplay* pode ser considerado um poderoso instrumento projetivo, pois possibilita a conscientização e interpretação de conteúdos que ainda não podem ser totalmente expressos em palavras e que, em muitos casos, dificultam o diagnóstico ou o direcionamento de um tratamento multidisciplinar. Brito (2007) faz eco a essa afirmação quando considera que, na medida em que são imagens tridimensionais, as miniaturas constituem uma linguagem em si e tornam o processo projetivo muito mais potente, por serem uma representação mais concreta e viva da realidade do cliente.

5.4 Procedimento de análise de dados

A proposta desta pesquisa previu a coleta de dados por meio de diferentes instrumentos. Desse modo, houve a necessidade de triangulação das informações abarcadas com o intuito de construir significados em torno do coração da pesquisa.

Vale ressaltar que as entrevistas foram gravadas e transcritas a fim de manter a qualidade do conteúdo ventilado. De outra sorte, os cenários executados na caixa de areia e o genograma realizado pelo participante foram fotografados e as falas decorrentes do processo

de produção também gravadas para compor a plêiade de informações necessárias à análise. Todas essas linguagens – seja simbólica, verbal ou esquemática – compuseram a narrativa com base na qual se efetuou a análise do fenômeno que se buscou estudar.

Macedo, Kublikowski e Grandesso (2004, pg.3) afirmam que:

Por meio da linguagem é construída uma realidade compartilhada, traduzida em narrativas, que se posicionam de forma circular entre um indivíduo ou comunidade e os ideais culturais. Ao articularem o espaço da experiência com os horizontes dos ideais culturais, essas narrativas mantêm uma tensão que permite a apropriação de significados que abrem mundos, pela força criativa da linguagem. (MACEDO, KUBLIKOWSKI & GRANDESSO, 2004, p. 3)

Dos significados construídos por essas tensões presentes nas narrativas, buscou-se extrair sentidos do texto mediante um processo que envolveu a preparação e a condução da análise dos dados, como esclarece Kublikowski:

A análise envolve uma transformação dos dados na medida em que a informação é condensada e agrupada em busca de regularidades que permitem construir conceitos ou teorias; tais construtos expressam em significados e permitem “ouvir” os dados em um movimento que se inicia no plano descritivo e atinge o plano compreensivo, assim como parte do concreto para o mais abstrato. As táticas para a geração de significado consistem em perceber padrões e temas em uma primeira leitura, agrupá-los e tentar conectar as categorias construídas de forma a obter maior integração entre os diferentes agrupamentos de dados. (KUBLIKOWSKI, 2018, p. 39)

Yin (2016) apresenta cinco fases para a análise dos dados em estudos qualitativos, a saber: compilar dados, decompor dados, recompor dados, interpretar dados e concluir. Nesse sentido, o ciclo de análise abarcou desde a organização das informações coletadas (compilar dados), passando por sua codificação (decompor dados) para, então, procurar os padrões presentes nas informações já organizadas (recompor dados) e, enfim, atribuir significados ao material em estudo (interpretar os dados) no caminho da conclusão da pesquisa.

Cumprir lembrar que essas fases têm um caráter recursivo, o que significa dizer que, a despeito da etapa que está sendo trabalhada, pode-se retornar ou avançar no processo, tanto para alterar alguma coisa, como também para trazer à tona uma ideia para a fase que está por vir, lembrando que, interpretar, segundo Yin, “pode ser considerada a arte de dar seu próprio significado a seus dados recompostos e arranjos de dados. Esta fase articula toda a análise e ocupa seu topo” (YIN, 2016, p. 185).

5.5 Procedimentos e cuidados éticos

O participante leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que descrevia e explicava os objetivos da pesquisa, informava sobre os seus benefícios, e esclarecia o baixo risco oferecido. Também foi informado ao participante que ele poderia encerrar a participação da pesquisa em qualquer momento que desejasse. Ou seja, os aspectos éticos relativos a pesquisas com seres humanos, de acordo com as resoluções 466/2012 e 510/2016, ambas do Conselho Nacional de Saúde, foram adotados. O projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, parecer nº 2.485.127, de 5 de fevereiro de 2018.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 Descrição dos conteúdos coletados pelos instrumentos propostos

6.1.1 Resumo do relato do participante (Entrevistas)

O participante, que será chamado de Abraão, é um homem que contava 72 anos na época das entrevistas, com segundo grau completo, nascido em um país africano, naturalizado brasileiro, judeu, aposentado, casado há 42 anos e pai de dois filhos também já casados. Trabalhava como joalheiro para complementar sua renda. Tem um neto de aproximadamente um ano. Nascido na África, na década de 1940, Abraão sofreu as mudanças políticas e sociais em seu país com a subida do exército ao poder. Além disso, também foi afetado pela discriminação ao povo judeu que não era considerado nacional, o que lhe deu a infeliz condição de apátrida.

A mãe de Abraão era muito mais nova que o pai, aproximadamente quinze anos. O pai de Abraão era considerado velho à época para o casamento. A mãe do participante tinha em torno de 17 anos quando do nascimento dele. O casamento de seus pais fora arranjado pelas famílias, prática comum naquela época. Ele é o filho mais velho. Teve mais dois irmãos: uma irmã cinco anos mais nova e um irmão dez anos mais novo. Todos nascidos no mesmo país durante período conturbado política e socialmente e antes da expulsão.

Importante narrar que a família de origem do pai de Abraão tinha uma condição financeira bem inferior à da mãe do participante. Além disso, seus avós paternos precisaram da ajuda do filho, pai de Abraão, até a morte deles, que se deu antes da diáspora. Já os avós maternos dispunham de condição material privilegiada. Tanto que os pais de Abraão foram morar em uma casa construída ao lado da casa do avô materno, avô esse que era considerado um homem rico e com grande prestígio na comunidade em que viviam, sendo visto como um comerciante muito esperto e sagaz, o que resultou na conquista de fortuna. Entretanto, seus negócios caracterizavam-se por certa ilicitude, e suas atividades arrojadas e perspicazes visavam crescimento financeiro e social. Por outro lado, o pai de Abraão não dispunha desse talento comercial e era um homem de empregos modestos e honestos. Todavia, era visto pelo sogro como um homem fracassado e, muitas vezes, considerado um peso, já que a família materna precisava suprir a falta material.

Tanto Abraão quanto seus familiares foram convocados a deixar seu país. Isso os levou à Europa, onde tentaram retomar uma vida de trabalho e estudo. Porém as condições na

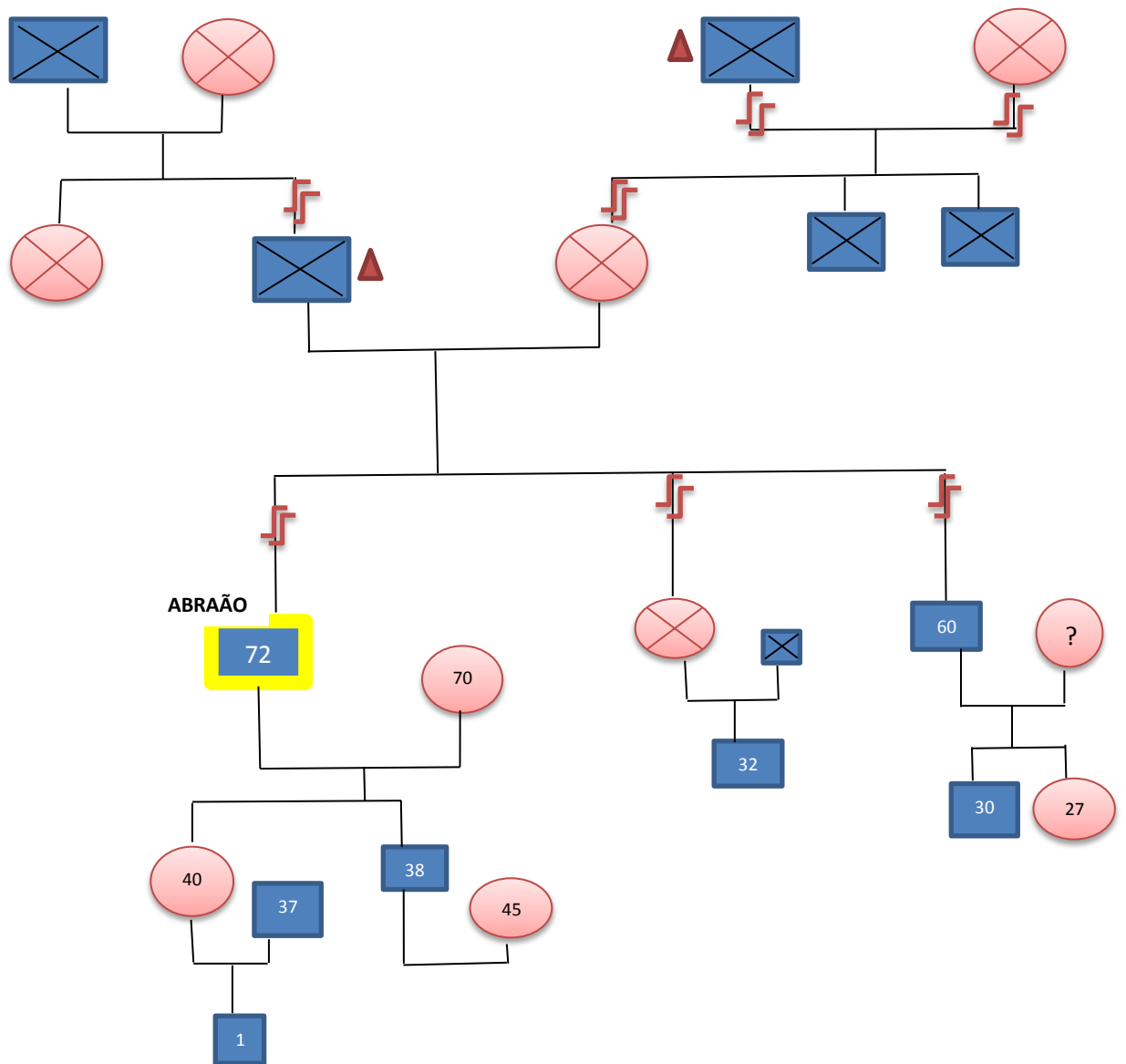
Europa também eram difíceis, inviabilizando a recolocação profissional dos pais e avós do participante que, naquele momento, contava com aproximadamente dez anos. Deixaram, então, a Europa, em direção a Israel. Melhor sorte não tiveram, pois o país ainda estava sendo construído e as condições eram adversas. Além disso, por serem judeus orientais, o participante e seus familiares sofreram preconceito dos judeus vindo do ocidente e que haviam sobrevivido ao Holocausto. Na busca pela sobrevivência, imigraram para o Brasil. Em um primeiro momento, Abraão, seus pais e irmãos residiram no Rio de Janeiro, enquanto seus avós maternos foram para São Paulo. Com o tempo, o pai do participante consegue uma melhor colocação profissional em São Paulo, o que faz a família se mudar novamente. Na capital paulista, começam um período profissionalmente melhor para a família, pois o pai de Abraão conseguiu se tornar sócio de uma empresa. Nessa época, Abraão buscou aprimorar sua educação formal já que as diversas mudanças prejudicaram seu desenvolvimento escolar. Divide-se, então, entre a escola e o trabalho em uma empresa da família. Consegue também uma vaga para um curso de ferramenteiro em uma escola renomada em São Paulo. No momento em que a família alcançou certa estabilidade financeira e estabeleceu uma organização de rotina e harmonia, o pai do participante morre, fato que exige uma reorganização do sistema familiar e leva, novamente, a problemas financeiros. Abraão é então convocado pela mãe a ajudá-la na criação dos filhos, depositando nele uma responsabilidade precoce.

Abraão se afasta da comunidade judaica após a morte dos avós maternos, em razão do excesso de cobrança que ali percebia. O participante buscou e começou a participar do Espiritismo, caminho religioso que passou a fazer mais sentido para ele. Entretanto, mantém algumas datas festivas judaicas que considerava importantes.

O participante casou-se com uma mulher brasileira e católica, com quem teve dois filhos. Entende que não teve sucesso profissional adequado, pois sempre foi empregado assalariado e não conseguiu se desenvolver na educação formal (nunca chegou à universidade). Por outro lado, seus irmãos conquistaram um lugar de sucesso, uma vez que os dois conseguiram atingir uma boa situação financeira, tendo seu irmão se destacado profissionalmente. Hoje, o participante se encontra aposentado e, para completar sua renda, faz joias, profissão esta que guarda relação com a comunidade judaica que, segundo ele, usava as joias e os metais preciosos como moeda de troca e proteção nas diversas situações difíceis que enfrentaram ao longo da história.

6.1.2 Genogramas

Figura 1 – Genograma

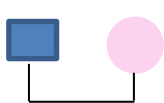


Legenda do genograma

Homem



Casamento

Idade da
pessoaPessoa
falecida

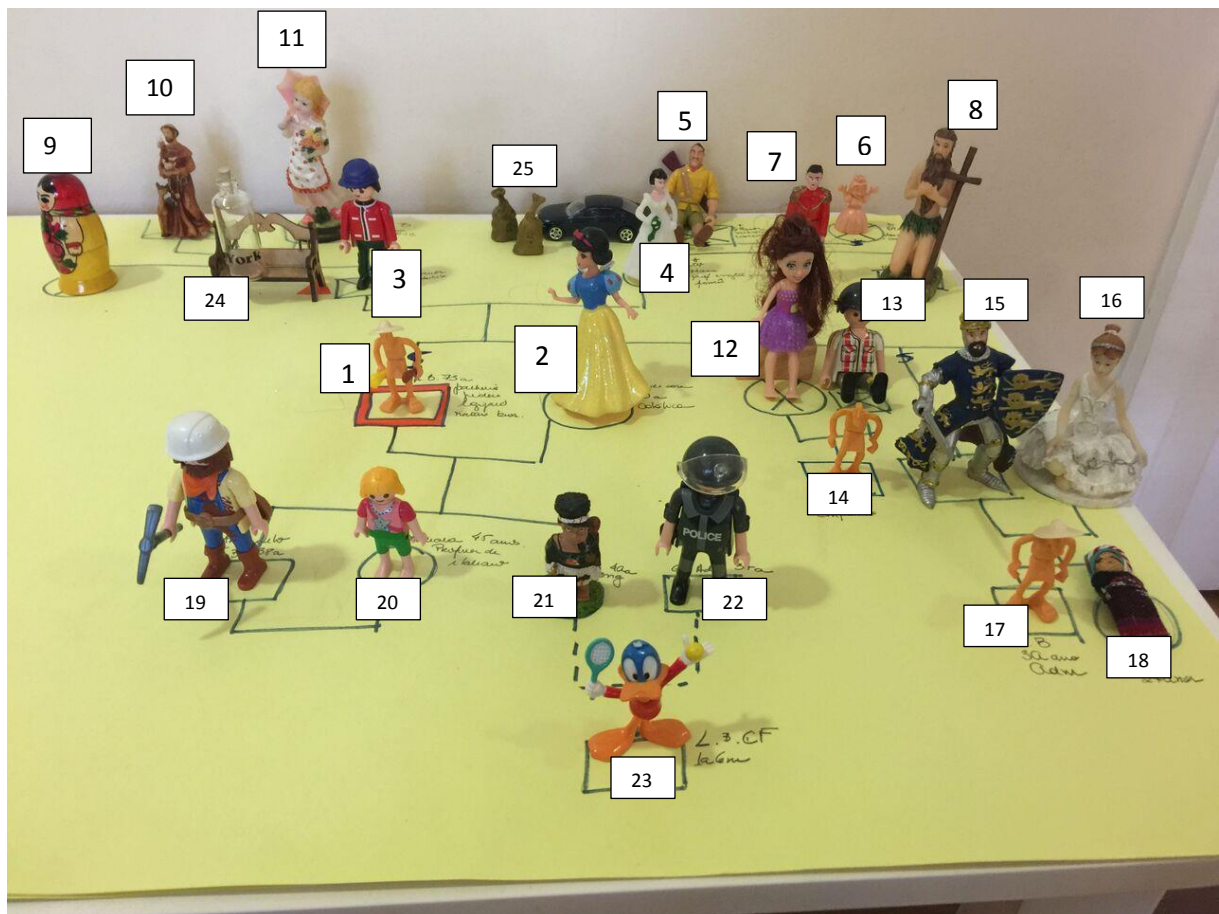
Imigração

Segredos
familiares

Mulher



Figura 2 – Genograma lúdico



LEGENDA

1 Participante: retirante	14 Sobrinho: retirante
2 Esposa do participante: Branca de neve	15 Irmão: rei
3 Pai do participante: socorrista	16 Cunhada: bailarina
4 Mãe do participante: noiva	17 Sobrinho: retirante
5 Avô materno: caçador	18 Sobrinha: bebê indígena
6 Avó materna: princesa sem cor	19 Filho: Playmobil trabalhador
7 Tio materno: príncipe	20 Nora: Playmobil criança menina
8 Tio materno: Santo Onofre	21 Filha: aborígine com bebê no colo
9 Tia paterna: Babuska	22 Genro: Playmobil policial
10 Avô paterno: São Francisco	23 Neto: Patolino criança
11 Avó paterna: Garota com flores nas mãos	24 Segredo do pai: Banco e garrafa com moeda dentro
12 Irmã: boneca Polli mulher	25 Segredo do avô paterno: carro e sacos de dinheiro.
13 Cunhado: Playmobil homem	

Conforme se depreende do genograma lúdico, Abraão se representou por meio do boneco “retirante”, figura que para nós, brasileiros, é símbolo da migração do povo nordestino que foge da pobreza e seca. Para representar sua esposa, o participante escolheu Branca-de-neve, personagem infantil considerada uma das princesas da Disney e que tem uma trajetória difícil, mas vitoriosa, lutando contra sua madrasta.

Chama a atenção o fato de Abraão usar o mesmo personagem para representar a ele e aos sobrinhos. Quando indagado sobre isso, relatou que os três têm um caráter parecido, pois todos são bonzinhos, pessoas que “dá para conversar, passear, e que não ficam de mau humor”.

Destaque-se a figura do Rei utilizada para representar seu irmão. Conforme consta nas entrevistas e será mais bem analisado no próximo capítulo, Abraão teve que renunciar a seus estudos e desenvolvimento para poder ajudar a mãe com a criação de seus irmãos. O irmão mais novo teve melhor acesso aos estudos, chegando à universidade. Ao participante coube a árdua e precoce tarefa de trabalhar para contribuir com o sustento e a escolarização dos irmãos. Segundo Abraão, a escolha do rei se deveu ao fato de esta ser uma figura “defensiva”, assim como seu irmão.

O pai foi representado por um boneco masculino, um socorrista da coleção Playmobill. O participante desejou dar a ele um ar intelectual, pois era assim que vislumbrava seu pai. Para ilustrar a figura materna, Abraão escolheu uma noiva, mas, no dizer dele, “a mamãe não era bem uma princesa, mas era uma dama”.

Abraão representou seu avô materno com uma figura de caçador, em razão da forma como ele gerenciava sua vida: um comerciante “esperto” e agressivo. Sua avó materna já é representada de forma pálida: uma princesa Peach (princesa do desenho Super Mario Bros), sem cor.

Já a família paterna foi representada da seguinte forma: o avô, por São Francisco, pois ele “era legal como um padre” e a avó, por uma menina de sombrinha e flores na mão.

Os segredos que foram narrados na trajetória de Abraão e que envolvem o avô materno e o pai estão representados pelo dinheiro e carro luxuoso (a forma ilícita de amealhar a fortuna) e por uma garrafa com uma moeda dentro, sobre um banco (o dinheiro que o pai ganhou para se casar com a mãe do participante). Abraão aponta para o fato de que a garrafa contendo a moeda é um mistério e pode ser bem ilustrativa da condição do pai: apenas uma moeda que nada de valor representa e cujo modo como foi inserida na garrafa é um enigma.

6.1.3 Cenários

6.1.3.1 Cenário 1

Título dado ao cenário: “Saída de uma terra ruim para uma terra maravilhosa, uma terra triste para uma terra abençoada, cheia de luz e sol e carnaval”.

Figura 3: Cenário 1



LEGENDA

1 Casa de pedra: casa da família do pai	11 Carros do avô materno: riqueza
2 Avô paterno: príncipe guerreiro	12 Bicicleta que o avô materno deu ao participante
3 Pai: Camponês	13 Navio encalhado: navio que os levou para a Europa quando da expulsão do país de origem
4 Avó paterna: bailarina	14 Navio que os levou da Europa a Israel
5 Tio paterno: São Francisco	15 Torre Eiffel: representa a Europa
6 Família da avó paterna: casa de papelão	16 Casa de barro: casa na Europa
7 Família da avó paterna: astronautas, personagem Alegria, Smurf	17 Tábua dos dez mandamentos: representa Israel
8 Celeiro de cobre	18 Canoa e jangada: barcos que levaram para Brasil
9 Casa do avô materno: casa -cofre de madeira	19 Atributos do Brasil: areia, sol, tambores
10 Casa do núcleo familiar do participante: pequeno prédio de madeira	20 Casinha de madeira: representa a casa onde foram morar quando chegaram no Brasil

No primeiro cenário Abraão descreve a trajetória de vida desde o país africano até a chegada ao Brasil. Escolhe como elemento para iniciar o trabalho a família nuclear do pai (Figura 4): avô paterno, avó paterna, tio e o próprio pai:

Numa cidade do interior do P (país de origem) tinha uma casa extremamente bonita. Essa ficava no interior do país onde morava minha avó paterna, meu pai, o pai dele. Essa casa é a casa do meu pai. Meu pai era de uma família bem situada financeiramente de judeus [...]. Olha só: nesta casa morava meu pai, meu avô paterno, minha avó paterna e um tio do meu pai que se converteu ao cristianismo que ficou padre.

Figura 4 – Cenário 1: Família nuclear do pai

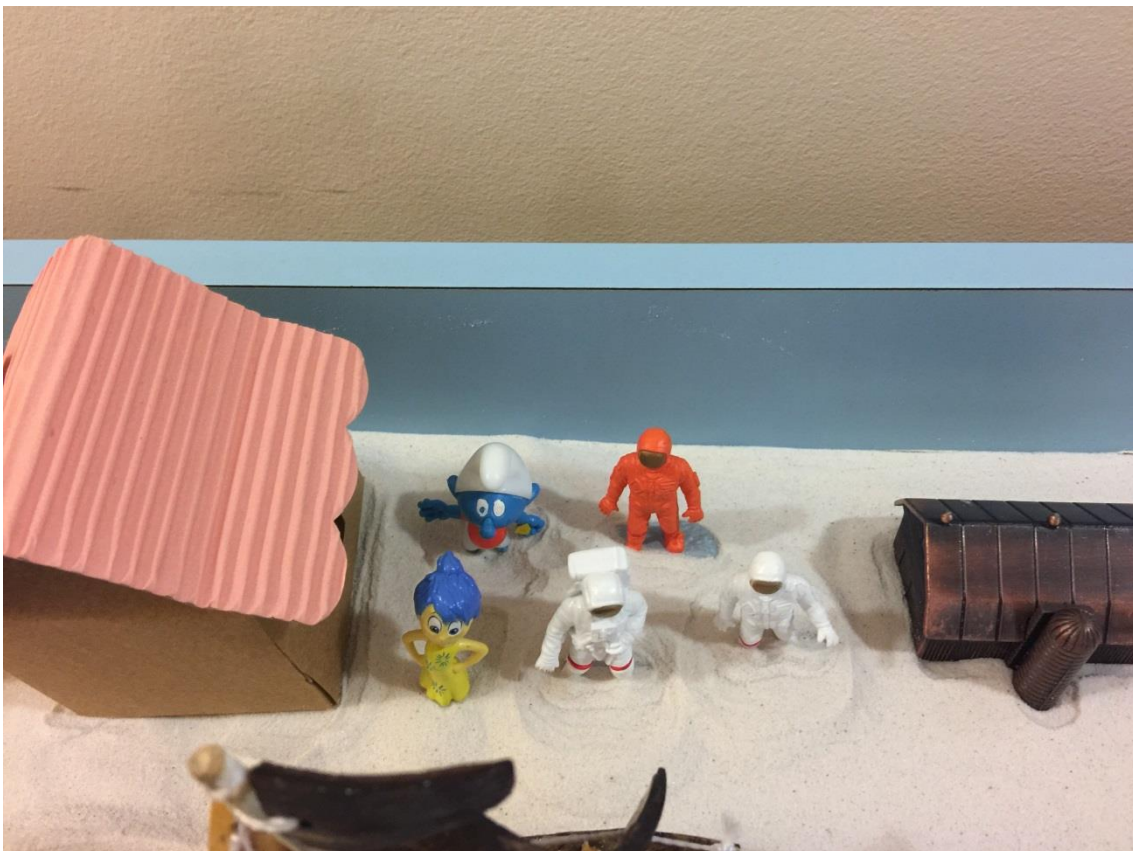


Como segundo movimento na areia, escolhe um núcleo familiar do sistema estendido da avó paterna (Figura 5), que foram pessoas que tiveram muito dinheiro, mas “perderam tudo porque não trabalhavam”. O participante não conheceu essas pessoas, mas ouviu falar dessa história de perda de dinheiro e de pobreza.

Nesta outra casa do interior, isso daqui me contaram, morava uma família inteira de pessoas que gostavam muito de estudar, tinham dinheiro e não trabalhavam. Esses eram os tios do papai, os irmãos da minha vó. Não conheci nenhum, mas era a história que me contaram. De repente, perderam tudo, porque eles não trabalharam. Ficaram bem pobres e é claro que a casa e tudo ficou menor.

Podemos neste ponto fazer um pequeno recorte que será mais bem analisado à frente e que diz respeito ao fato de já aparecer a questão do fracasso, com a perda do dinheiro e com a pobreza, versus o sucesso financeiro. Esse tema foi recorrente nas entrevistas e constitui um dos eixos centrais desta pesquisa. Essa história da família que perde tudo é muito próxima da própria história de Abraão e da saga migratória que seu núcleo familiar viveu.

Figura 5 – Cenário 1: Família estendida da avó paterna



Na sequência, Abraão desenha a família do avô materno: a grande casa azul, com a casa do participante anexa à casa principal (Figura 6). Descreve a família de origem da mãe, a riqueza e a forma como esse dinheiro foi conquistado pelo avô. Relata, nesse momento, a trajetória desse avô materno que de uma pobreza extrema consegue, por seus esforços e capacidade, tornar-se um homem rico. Os objetos (carros) representam esse poder econômico.

Com o passar do tempo, a minha mãe que morava em A, era muito rica porque meu avô era um comerciante de tecidos e fazia contrabando de tecidos da Europa para o P e com isso ficou extremamente rico [...]. Então meu avô muito rico morava nessa casa. Aí meu avô, da parte da minha mãe morava em A nessa casa enorme e que ninguém tinha [...]

Figura 6 – Cenário 1: Casa do avô materno



Também nesse movimento na areia, relata a história do casamento arranjado dos pais, pois o avô materno oferece uma condição financeira diferenciada ao pai de Abraão:

Quando minha mãe não conseguiu casar, minha tia que morava em Tanta, onde meu pai morava no interior, chamou meu pai e perguntou se ele queria casar com uma moça que tinha 16 anos. Meu pai disse não. Ele tinha 32 anos nessa época. Aí, minha tia insistiu e ele aceitou conhecer minha mãe. Acho que ele tinha algum interesse financeiro, pois a família dele já estava sem dinheiro nenhum. Não deixava de ser uma vergonha não ter dinheiro naquela época depois de ter tido tanto. Aí, meu pai aceitou casar com minha mãe e aceitou conhecê-la também.

Após casamento, os pais de Abraão se mudaram para um pequeno prédio construído na extensão da casa do avô materno. Era bem mais modesto que o prédio principal, porém tinha entrada separada, o que dava à família uma condição de privacidade (Figura 6):

Nesse meio tempo, o vovô construiu ... vamos achar um prédio pequeno... pode ser esse aqui... é legal pra caramba... Então tinha a casa enorme, com os carros, meu avô construiu um pequeno prédio do lado para abrigar meu pai e minha mãe que tinham acabado de casar. Quando eu nasci em 1944, meu avô era extremamente rico e meu pai remediado.

Continua a falar da trajetória de sua vida, relatando, então, a imigração para um país da Europa e depois para Israel. Representa a jornada por meio dos navios, uma vez que, naquela época, essas travessias eram feitas por barco. Na chegada em Israel, perceberam que o país ainda era um deserto, ainda estava em construção. A casa de barro (Figura 7) representa a moradia precária em que viveram, tanto na Europa quanto em Israel. Israel é representado tanto pela própria areia da caixa (deserto), como também pela tábua dos Dez Mandamentos:

Então estourou a guerra entre P e Israel e simplesmente a política mudou e tínhamos que ir embora do país. Éramos apátridas. Conseguimos sair do país com passaportes comprados: eram falsos e verdadeiros ao mesmo tempo. Vamos sair a saída do P. Uma caminhada para a Europa... Navio... vou usar o navio. Para sair do P, fomos de navio para a Europa. Fomos morar num hotel horrível. A saída de navio do P para a Europa, onde fomos morar num hotel. Ainda meu avô tinha dinheiro. Não gostamos da Europa porque não podíamos ficar. Então fomos para Jerusalém... Não Jerusalém e sim Israel. Chegando lá, era um deserto. Não queríamos ficar. Então decidimos ir para o Brasil. Aí é outra etapa.

Figura 7 – Cenário 1: Êxodo da África para a Europa e da Europa a Israel



A estada em Israel, segundo nosso participante, mostrou-se não exitosa: não conseguiram trabalho, a vida era difícil, sofreram preconceito. Resolveram, então, ir para o Brasil, o que está representado na Figura 8: canoa e jangada, potinhos de areia, sol, tambor, dinheiro e a casa de madeira. Segundo Abraão: “Viemos para o Brasil para alcançar prosperidade e a riqueza. As garrafinhas são da Bahia, os tambores, o sol do país e o dinheiro. Era isso que queríamos alcançar. Aí chegamos ao Brasil e fomos morar numa casa. Era um prédio. E aí começou uma nova etapa”.

Figura 8 – Cenário 1: Chegada ao Brasil



Abraão entende que o primeiro cenário está encerrado com a chegada ao Brasil. Ele mesmo faz o corte, dizendo que “nós chegamos no Brasil, aí é uma nova etapa”. Por fim, nomeia esse primeiro cenário como “Saída de uma terra ruim para uma terra maravilhosa, uma terra triste para uma terra abençoada, cheia de luz e sol e carnaval”.

6.1.3.2 Cenário 2

Não foi dado um nome a este cenário.

Figura 9 – Cenário 2



LEGENDA

1 Casa de papelão: casa do Rio de Janeiro na chegada ao Brasil

2 Astronautas, crocodilo e pássaro: família do Rio de Janeiro que os alojou na chegada ao Brasil

3 Obelix: pai; Mãe: peixe; Irmã: planta carvívora; Participante: passarinho; Irmão: lula.

4 Avó materna: Pocahontas; avô materno: super Mário; Tio Z: demônio

5 Casa de papelão: Prédio onde o avô morou em São Paulo.

6 Família nuclear em São Paulo: Pai: esquilo; Mãe: princesa; Participante: personagem Phineas; Irmã: garota; Irmão: menino.

7 Casa da família nuclear quando o pai melhorou de emprego em São Paulo: casa de madeira

8 Escola: casa de barro com telhado aberto.

9 Trabalho: celeiro de cobre

Neste segundo cenário (Figura 9), o participante faz uma ligação com o Cenário 1, ou seja, dá continuidade à jornada migratória. Começa com a chegada ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, onde seu núcleo familiar residiu juntamente com uma família também judaica. Representa a família que os acolheu com os astronautas, o crocodilo e o pássaro, junto da casinha de papelão (Figura 10):

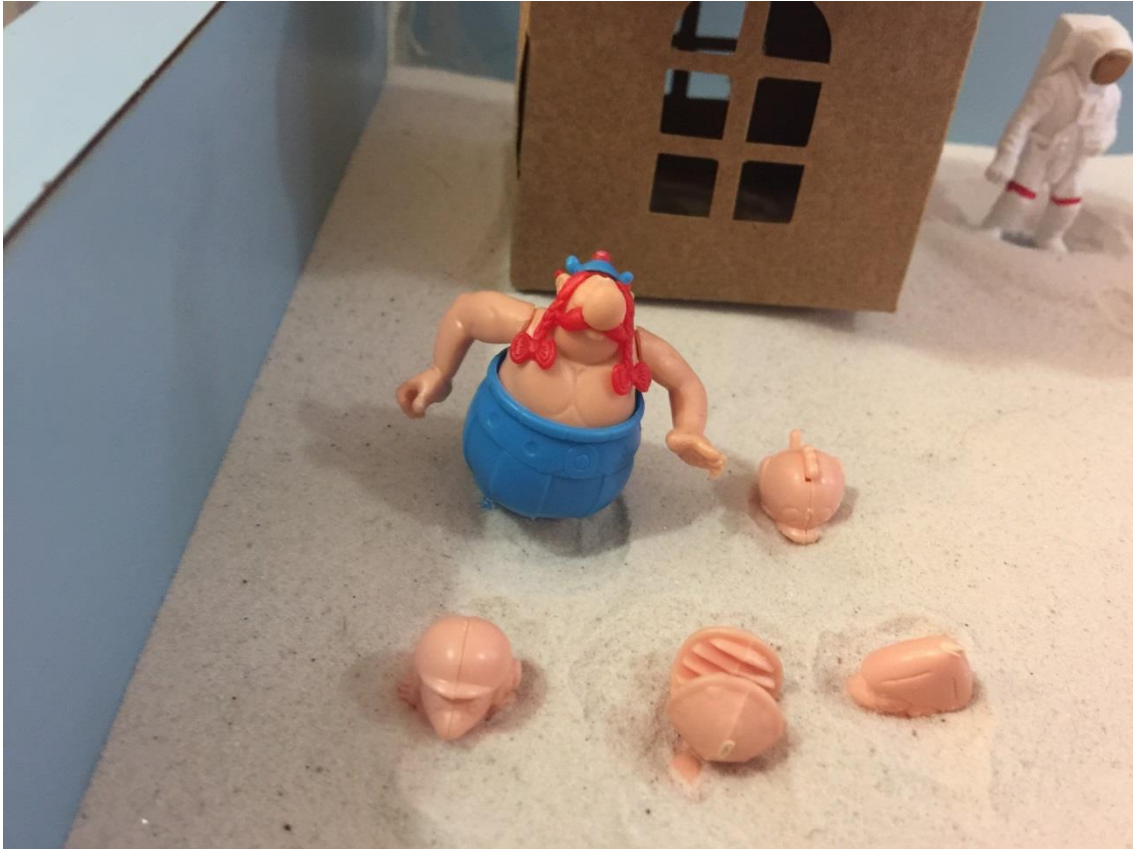
Nós chegamos ao Brasil, fomos morar no Rio de Janeiro e fomos morar na casa de pessoas. Essas pessoas eram judias e alugam um quarto para os imigrantes que estavam chegando. Eles ajudavam os imigrantes que estavam chegando. Quando os imigrantes se ajustavam na vida passavam também a ajudar outras famílias. Só que você não podia escolher onde ia. Uma casa que já tinha 6 pessoas, te davam um quarto e ficavam 10 pessoas. Quem foi: eu, mamãe, papai, S e D.

Figura 10 – Cenário 2: Família que recebeu o participante e familiares no Brasil



O núcleo familiar do participante (Figura 11), nesse primeiro movimento do segundo cenário, foi representado da seguinte maneira: Obelix (pai), peixe (mãe), planta carnívora (irmã), lula (irmão) e passarinho (participante). Essas pessoas sofreram mudança de figuras representativas ao final da construção do cenário, como será apontado a seguir.

Figura 11 – Cenário 2: Família do participante



Abraão e a família não ficaram muito tempo no Rio de Janeiro. O pai conseguiu um emprego melhor em São Paulo, cidade onde seus avôs maternos já estavam instalados, e a família acaba se mudando para essa cidade. O participante representa (Figura 12) o prédio onde seus avôs moravam juntamente com as figuras a seguir: Pocahontas (avó materna), Super Mário (avô materno) e demônio (Tio Z, irmão da mãe):

Um ano depois, a vida melhora muito pouco. Meus avós chegam ao Brasil e alugamos uma casa e nós alugamos uma casa. Meu avô chega e nós nos mudamos para São Paulo. Chegamos em São Paulo... Fazendo caminho: Rio de Janeiro, São Paulo e aqui meus avós. A avó materna e o Z, meu tio, que alugou a casa. O Z meu tio, filho deles que era solteiro. O vovô é o Super Mario, o Z é um demoniozinho. A avó materna é a Pocahontas. Foi muito fácil a transição: Rio de Janeiro, São Paulo, vovô e vovô e o Z.

Figura 12 – Cenário 2: Núcleo familiar do avô materno em São Paulo



No próximo movimento na areia, Abraão representa um momento importante de seu núcleo familiar: sua família, após a melhora financeira que se processa pela nova e boa colocação profissional do pai. O pai é então representado por um esquilo, a mãe, por uma princesa (princesa Peach do Super Mário), a irmã, por uma garota, o irmão, por um menino e ele, pelo personagem Phineas, que aparecem na Figura 13 em primeiro plano:

Depois conseguiu melhorar o trabalho. O Brasil tinha trabalho para pessoas de idade e melhorou muito. Começou a comprar umas coisas. Comprou uma cama, para mim, para D, para S. Assim foi indo. Arrumaram a casa, e a casa ficou habitável. Meu avô não comprou nem ferro e nem geladeira para minha mãe. Pegou todo o dinheiro e montou uma empresa para o Z. Uma indústria de autopeças. Fabricávamos autopeças. Eu estava de saco cheio de mudar de escola. Eu fui trabalhar com 13,14 anos. Nos acostumamos a fazer. Meu pai arrumou um super-emprego. Meu pai começou a economizar para comprar um apartamento.

Figura 13 – Cenário 2: Família nuclear do participante



O último movimento no cenário é a colocação da escola com uma casinha de barro com o telhado aberto e do celeiro de cobre para representar a empresa do tio onde Abraão trabalhava (Figura 14): “Então morávamos aqui e tinha a nossa escola aqui, meu trabalho aqui e assim a vida seguia”. Podemos fazer uma pequena compreensão dessa escola simbolizada como uma casa de barro de telhado aberto, mostrando a precariedade e as dificuldades de Abraão em se desenvolver e cumprir o ciclo educacional.

Figura 14 – Cenário 2: Escola e trabalho do participante



6.2 Análise

A análise foi desenvolvida utilizando os dados obtidos nas entrevistas, genograma, *sandplay* em torno do objetivo geral e objetivos específicos.

6.2.1 Percepção e significado do segredo na vida do participante

A história narrada pelo participante reflete uma saga familiar, permeada de inúmeras situações complexas e sérias que mesclam a história pessoal e familiar com um evento histórico muito significativo, qual seja, a situação sócio-política do povo judeu entre as décadas de 1940 e 1950, tanto na Europa quanto em alguns países africanos e mesmo em Israel. Nesse processo, a família, na busca de sobrevivência física e social, utiliza-se de toda sorte de recursos.

Dentre os fenômenos que aparecem nesse percurso familiar, encontramos os segredos. Segundo o participante, esse fenômeno foi percebido por ele como algo que lhe “fez muito mal” e que o fez sentir-se “desprotegido”.

Os segredos, nesse sistema familiar, estão ligados às questões de ordem financeira: os negócios ilícitos do avô materno que trazem dinheiro – e segurança – para a família; o casamento arranjado da mãe do participante pela boa condição financeira que ela ofereceria ao noivo e a impossibilidade de comunicar às pessoas a perda do *status* financeiro quando chegaram ao Brasil.

Dentro do sistema familiar do participante, conforme veremos em suas falas, há um embate entre o sucesso e o fracasso. O sucesso é enaltecido, desejado, perseguido, exigido, e o fracasso, segredo, escondido, condenado. Isto porque, para essa família, o sucesso está aliado a dinheiro e poder e, portanto, a condições de sobrevivência frente às adversidades possíveis.

Conforme aponta o participante, “estávamos no P (país de origem), em uma situação extremamente confortável, com dinheiro, com carro, com casa. De repente, tivemos que sair do país e se perdeu quase que todo dinheiro”. Essa perda financeira foi vivida com sofrimento pelo sistema familiar que tinha um lugar privilegiado na comunidade do país de origem. Apesar da possível origem ilícita do dinheiro, o participante valoriza o comportamento do avô materno, elogiando e encontrando uma justificativa para esse ganho ilegal. Senão, vejamos:

E: Você fala que seu avô tinha dinheiro no P (país de origem).. Era do trabalho dele?

P: Do trabalho dele. De comerciante de tecido. Ele importava tecido na Europa e revendia. E teve um boom muito grande quando estourou a guerra. Ele acabou vendendo esse tecido a um preço extremamente alto e, assim, ele ficou muito rico. Isso daqui não deixava de ser segredo também...

E, ainda:

Meu avô tinha muito dinheiro devido a fazer... como se pode falar... Ele fazia... Meu avô era uma pessoa muito esperta, sabia fazer grandes negócios na parte de comércio tanto lícito quanto ilícito. Não podemos dizer que ele era um bandido, mas onde aparecia uma oportunidade para ganhar dinheiro, sabia fazer... Pra gente não usar uma palavra... Não assim...

Interessante notar, no discurso do participante, que há uma posição que minimiza o lugar de ilicitude do comportamento do avô em razão do fim: “ganhar dinheiro”. Caso seja conquistada a segurança material, o gesto se justifica.

O mesmo raciocínio parece se aplicar ao segredo que envolve o casamento dos pais, pois, segundo Abraão, o pai teria se casado em razão dos benefícios financeiros que a noiva (ou sua família) iria ofertar.

E: E o segredo gira em torno do quê?

P: O segredo era que ninguém podia saber que meu pai aceitou casar por causa de dinheiro.

E a compreensão quanto à escolha do pai:

Você sabe que eu me coloquei na posição dele. Eu tinha 18 anos. Se alguém me oferecesse uma menina que tivesse muito dinheiro, eu casava também. Porque a minha competência para casar, trabalhar e criar filho, eu não tinha. De tanto que me colocaram isso na minha cabeça, porque eu não estudava. Não queria mais estudar.

Em suas reflexões, o participante percebe a influência dos segredos em sua vida como algo que prejudicou sua autoestima e lhe trouxe tristeza e sofrimento:

Na minha trajetória, esses segredos faziam muito mal para mim, porque eu me senti totalmente desprotegido de dinheiro, porque eu não podia fazer as coisas que eu queria... Não sei o que eu queria fazer. Nossa vida era extremamente apertada, e a gente tinha que manter isso daqui num nível muito bom de educação que não era uma coisa fácil. Para mim, fez muito mal. Muito, mas muito mal. Sabe... Você... Puxa vida, não podia fazer nada, nada, nada. Era muito ruim.

Vale ressaltar que a identificação com a figura paterna acontece não só pelo fato de a mãe exigir dele a ajuda na criação dos filhos, mas também, e sobretudo, pelo lugar do “fracassado”. O pai era considerado pelo avô materno – o homem esperto, rico e poderoso – como um fracassado. Essa herança é transmitida para o participante, que também não conquistou, pela interpretação dele próprio, um lugar social de riqueza e poder. Vejamos as falas dele que noticiam o acima descrito:

A pior coisa possível. Papai, meu pai não conseguia pagar escola, não conseguia se manter. Meu pai não conseguia fazer nada. Ele não tinha nada, e vovô fazia tudo e ele falava. E, infelizmente, ele reclama, falava. Falava tipo assim: “Porra, daqui a pouco acaba meu dinheiro! E como vai ficar? Eu, como eu vou ficar? Eu não tenho nada a ver com meu genro e com minha filha. Não tenho nada a ver com isso! Isso é responsabilidade dele! E essas coisas acabavam machucando a gente. Por quê? Porque você não entendia exatamente o que estava acontecendo. Você imaginava uma situação. Você imaginava: “Porra, por que ele está falando isso?” E você... E acabava emocionalmente fazendo bastante mal para a gente. E, além do que, ele [avô materno] era uma pessoa extremamente difícil e...

E, ainda:

Influenciou bastante [referindo-se à presença dos segredos na vida dele]. Eu senti, no decorrer da vida, que meus avós acabaram não gostando do papai. Eles humilhavam muito ele. Por que humilhavam? Porque ele não tinha conseguido fazer as coisas sozinho. E meu avô ajudando, falava. Falava... A gente ouvia. Ele também ouvia, ficava mais deprimido. Minha mãe não aceitava muito essas conversas. Ela ouvia. O que ia fazer?

Para Abraão, era muito difícil ter que manter a aparência de família abastada, o que lhe trouxe prejuízos emocionais significativos:

De repente, tivemos que sair do P e se perdeu quase que todo o dinheiro. E isso não deixava de ser uma mentira, vamos colocar assim, uma mentira, talvez. E isso daqui foi uma coisa que emocionalmente acabou machucando bastante a gente, porque não tinha nada, tinha que manter a aparência e não podia se contar nada, absolutamente nada.

Podemos pensar que a figura do retirante simboliza e representa não apenas a fragilidade da pessoa, mas também a trajetória vivida pelo participante: seu processo de imigração, a sua percepção de fragilidade social, as dificuldades no processo de imigração, a busca de um lugar no mundo para sobreviver, as humilhações sentidas, a experiência de inadequação, o cansaço e a dor.

Apesar de os segredos familiares serem compartilhados (WAGNER & FALCKE, 2014) pelos membros do núcleo, havia um pacto de silêncio em razão do qual não se falava sobre o assunto e, portanto, não se buscavam formas de modificar a dinâmica do fenômeno. Haviam estruturado fronteiras (IMBER-BLACK, 1994) e quem estava “dentro”, ou seja, quem tinha conhecimento do segredo, também tinha responsabilidade por sua manutenção. Esse sistema de lealdade foi extremamente prejudicial para Abraão, que teve que ocupar o lugar do pai, tanto no quesito “fracassado” quanto no quesito “provedor”.

Vale, neste momento, lembrar Despret, que aponta que o segredo organiza “o que se mostra e o que se esconde” (DESPRET, 2011, p. 12) e que esse fenômeno também se presta a estabelecer o que se separa. E o quê ou quem ficará separado? Penso que, neste caso, nosso participante que, em vários momentos se sentiu apartado das pessoas “de fora”, por precisar esconder fatos familiares tidos como vergonhosos, e dos “de dentro”, por se sentir um fracassado e não cumprir a mitologia familiar de sucesso.

Assim, quanto ao objetivo geral desta pesquisa, foi possível verificar que o participante percebe a presença do segredo em sua trajetória de maneira muito negativa: sente-se desprotegido, triste, deprimido. Ao longo de sua narrativa, fica evidente que o segredo e sua manutenção despertam a vergonha que tentam esconder. Lembrando que a vergonha, conforme aponta Mason (1989), pode trazer uma experiência de se sentir insuficiente, de se sentir humilhado, de ser indigno ou de ser completamente inválido como um ser humano. Experiências essas que foram relatadas por Abraão.

Na construção de sua identidade, Abraão se coloca como um homem frágil, depressivo e fracassado, a despeito de suas conquistas, de suas lutas e vitórias. Ainda jovem é colocado no lugar do pai para que colabore com a criação dos irmãos e manutenção da casa, o que executa com competência. Tanto isso é verdade que seus irmãos foram bem sucedidos em suas vidas profissional e financeira. Entretanto, parece que Abraão não assimila suas conquistas, fica aprisionado à imagem de fracassado, o mesmo lugar outrora ocupado por seu pai.

6.2.2 Percepção e significado da transmissão do segredo através das gerações.

O participante se torna o guardião das histórias familiares. Seus irmãos, de certa forma, foram poupados desses relatos e dos jogos relacionais, possivelmente em razão da pouca idade que tinham à época dos fatos. Por conta da morte precoce do pai, a mãe buscou apoio no participante para dar continuidade à educação dos irmãos e para sustento de todos.

Quando papai faleceu, minha mãe disse: “Não temos dinheiro para nada. Fiz o enterro. Mas não temos dinheiro para nada. Eu vou trabalhar e você, Abraão, não pode mais se divertir”. Aí, eu comecei a trabalhar de verdade. Não que eu não trabalhasse de verdade. Mas, aí, eu comecei a trabalhar de verdade. E eu comecei a perceber que eu não queria ser torneiro ou ferramenteiro, não queria ser mais nada, mas eu não tinha outra opção a não ser continuar trabalhando e ajudar um pouco minha mãe.

Desse modo, precocemente, nosso participante é colocado em um lugar de muita responsabilidade: ajudar na criação dos irmãos e no sustento da casa. Cabe ressaltar que esse lugar ao qual o participante é impelido não pertence a ele. É um lugar estranho ou, na melhor repetição de padrão, novamente um lugar estrangeiro. O que perpetua a sua experiência de não-lugar acerca da qual falaremos mais à frente.

E, naquela época, era importante ganhar dinheiro para poder ajudar a mamãe. E a mamãe foi trabalhar de balconista, no Bom Retiro, em uma loja de roupa. Entre eu e a minha mãe e um pouco de dinheiro que sobrou e alguma ajuda que meu avô dava ou minha avó dava, porque o Z dava uma ajuda a eles... Enfim, um rebosteio (*sic*) total! Total, total, total! Uma bagunça. Uma vida esculhambada. Sem regra, sem coisa. Minha mãe queria que eu trabalhasse. Eu tinha que trabalhar. Os meus irmãos pequenos tinham que ir na escola. Não tinha dinheiro, não tinha nada. Frustrações, uma em cima da outra. Angústia. Depressão. E tudo quanto é tipo de problema. Não é que faltava dinheiro para comer... Não ‘tava bom... Você imagina... Uma ampulheta que você vira de um lado para o outro. Foi isso que aconteceu na nossa vida.

Vale lembrar que, apesar dessa posição determinada ao participante, Abraão entende que seus familiares não proporcionavam validação ou reconhecimento de seus recursos emocionais; ao contrário, sentia que sua família não poupava críticas à sua pessoa.

E então falaram que eu não seria nada na vida. E a conclusão, na hora que eu achasse alguém pra casar, não conseguiria sustentar esta pessoa. Por final, parece que tudo aconteceu do jeito que eles imaginavam, a minha família. Conheci uma moça, o pai dela e ela, e minha mãe e toda a minha família achavam que eu não podia casar porque não tinha como sustentar. Tudo exatamente aquilo...

Quando eu conheci a R, que era uma menina que eu gostava demais, e não me deixaram casar, porque achavam que eu não tinha competência para casar. Não tinha dinheiro, não tinha competência, não tinha nada.

Nesse sentido, ao ocupar o lugar do pai, vários outros movimentos familiares chegam ao conhecimento do participante. A ele são reveladas as “misérias” familiares: a “compra do pai” para se casar com sua mãe e a ilicitude dos negócios do avô. Além disso, o participante também precisa manter o cuidado ao falar e se posicionar socialmente para não demonstrar a falta de dinheiro. É imposta a ele a manutenção do segredo familiar, qual seja: não revelar às pessoas a condição financeira difícil que a família enfrentava, o que poderia gerar a perda do *status* perante à comunidade:

Você está super bem na vida, super bem. De repente você não está bem, mas tem que manter sua postura para você conseguir continuar com a aparência. É difícil de explicar, mas é mais ou menos isso aí.

E mais:

Com isso daqui, foi se mantendo esse segredo para todas as pessoas que eram da colônia judaica. [...] As coisas eram assim. E as pessoas achavam que ele continua a ter dinheiro. Ele tinha, mas não aquela coisa.

O participante recebe os segredos da família por transmissão oral, o que inclui as histórias, as cobranças, as proibições e os medos familiares. Conforme o próprio participante aponta, “a transmissão do segredo se deu conversando bastante. Mamãe gostava de contar histórias”.

Assim, também a transmissão ocorreu para sustentar e manter os mitos familiares presentes naquele sistema. A fim de perpetuar a mitologia familiar, os segredos precisaram se inscrever como forma de proteção e defesa. Conforme será apontado na próxima seção, os mitos estão intrinsicamente ligados aos segredos dentro desse sistema familiar.

E a manutenção dos segredos atende ao que Boszorményi-Nagy e Spark (2008) denominaram de lealdades familiares. Ressalte-se que os autores irão apontar para o fato de que o “grau de lealdade” depende do papel que o indivíduo desempenha no sistema familiar e, por consequência, daquilo que lhe foi delegado e é esperado. Nosso participante precisou,

então, assumir uma série de atitudes a fim de cumprir o mandato a ele outorgado, o que lhe trouxe angústia e depressão.

Wagner e Fackle (2014) lembram que a lealdade será determinada também pela história daquela família. Neste caso, cumpre ressaltar a saga heroica dessas pessoas que, para sobreviverem à diáspora, precisaram unir forças e fortalecer laços. É inegável que um senso de dever e lealdade permeia a interioridade de todos. Abraão, o filho mais velho, não está isento desses sentimentos. Como recusar um legado, ainda mais de seu pai e a pedido de sua mãe, para ajudar a manter o sustento de sua família?

É inquestionável que esse legado de sobrevivência, luta pela vida, união entre os familiares, lealdade ao sistema, dever de ajuda mútua, dentre tantos outros, está inscrito na subjetividade de nosso participante. Entretanto, há um preço a pagar por essa transmissão. A “herança” deixada pelo pai tem um alto valor, qual seja ser jogado precocemente e sem suporte emocional em um lugar de responsabilidade. Abraão, a partir dessa experiência, noticia a presença de depressão, angústia e sentimento de insuficiência e fracasso.

Podemos inferir que houve a perpetuação dos segredos por meio da transmissão oral e a partir dos legados transmitidos ao participante. Abraão percebe que, pelos vínculos de lealdade e dever ao seu sistema familiar, precisou ocupar o lugar de seu pai e, com essa obrigação, a ele foi atribuída toda a sorte de questões familiares, obviamente com um alto preço emocional.

6.2.3 Relação entre segredos e mitos familiares.

Ponto importante a ser discutido nesta pesquisa é a relação entre os mitos e segredos familiares. As crenças, leituras da realidade, sistemas explicativos de aspectos da vida que pertencem à família (Wagner e Falcke, 2014; Cerveny 2001; Krom, 2000), ou seja, os mitos familiares, solicitaram do sistema familiar do participante a segregação de informações a fim de manter a homeostase (Cerveny, op. cit.).

Podemos observar pelo discurso do sujeito que a família apresenta dois mitos principais. Seguindo os conceitos de Krom (2000), o “mito espinha dorsal” desse sistema pode ser compreendido como o Mito da Sobrevivência, e um mito auxiliar, absolutamente importante, que aparece generosamente na fala do participante e que seria o Mito do Sucesso: “A minha família via essa história do dinheiro e do estudo para sermos sempre os melhores. Tínhamos que ser sempre os melhores. Tínhamos que ter sucesso”.

Por Mito da Sobrevivência compreende-se o conjunto de crenças e atitudes buscando a proteção dos membros da família frente a situações de perigo real ou imaginário. Nesse mito é possível perceber que a família se organiza em torno de aspectos e comportamentos protetivos. Assim, a escolha da profissão, dos amigos, da forma de se conduzir socialmente visa manter os membros do sistema protegidos ou com possibilidades de proteção.

No caso da família objeto de estudo, percebemos que o comportamento do avô materno de Abraão, qual seja amealhar dinheiro de forma lícita e ilícita, visava o sustento e proteção financeira do sistema. Tanto isso é verdade, que o avô, em vários momentos durante o êxodo dessas pessoas, foi o provedor de todos. O participante, inclusive, releva a conduta ilícita do avô, minimizando a ação criminosa já que o resultado visava o bem estar coletivo: “[...] meu avô era uma **pessoa muito esperta, sabia fazer grandes negócios** na parte de comércio tanto lícito quanto ilícito. Não podemos dizer que ele era um bandido, mas onde aparecia uma oportunidade para ganhar dinheiro, sabia fazer” (grifos nossos).

Aliás, Abraão transmite, em uma de suas falas, esse pressuposto de que é necessário ter dinheiro para corromper em nome da sobrevivência: “É a condição para a sobrevivência dos judeus é essa. E o dinheiro sempre ajudou eles (*sic*) a fugirem, a comprar, a corromper. Essa é a pura realidade”.

O participante traz em sua fala essa compreensão de que a escolha do ofício para o povo judeu se deu, em muitos momentos, como uma forma de preservar os bens materiais, em momentos em que eram obrigados a deixar suas casas:

Uma das situações mais fáceis de ser patrão e eles tinham que fugir toda hora das perseguições, eles trabalhavam com ouro, prata e brilhante. Por quê? Porque era uma mercadoria fácil de por no bolso e fugir. E, com essas mercadorias, conseguiram se salvar. Esse é um dos pontos. O segundo ponto, estudar. Por que estudar? Porque eles, sendo bons profissionais, médicos, engenheiros e advogados, eles eram chamados para trabalhar com os nobres da corte e não eram perseguidos. Se for um médico bom, advogado bom e assim por diante podia defender todas as pessoas que tinham dinheiro.

Em um dos cenários realizados na areia, Abraão usa uma casinha-cofre para representar a casa do avô materno, enquanto que a casa de sua família é representada por um pequeno prédio adjacente à grande casa. É significativamente interessante a discrepância entre o lugar-casa que o avô materno ocupa e o lugar-casa que sua família ocupa. É certo que não é apenas perante a comunidade que o avô materno ocupava um lugar de destaque, de sucesso, de influência e de poder; pela forma como o participante fala e representa essa figura solar podemos inferir que ele ocupava um lugar patriarcal de grande poder e destaque na própria

família, quiçá servindo de modelo e orientador. Essa representação pode ser observada na Figura 16, na qual o número 1 indica a casa do avô materno e o número 2, a casa do participante.

Figura 16 – Representação da casa do avô materno e da casa do participante



Nesse sentido, a família se constitui a partir de uma referência de sucesso, destaque e poder. Orientados – e cobrados – para alcançar lugar de notoriedade, os membros do sistema que não atendem a essas expectativas são condenados ao posto de fracassados. O Mito do Sucesso, como um mito auxiliar na manutenção da homeostase desse sistema (Cervený, 2001), é francamente difundido por toda a família por meio das falas, das buscas, das escolhas profissionais, das escolhas de parceiros. A fala de Abraão caminha nesse sentido:

Na minha família era muito, muito cobrado isso aí para que a gente pudesse ter sucesso na vida. Tanto é que meu irmão hoje não consegue se desvencilhar disso aí. Ele não consegue viver uma vida simples. Não consegue. Para ele é inconcebível não ser sócio de clube, não ter cavalo, não ter carro importado... Ele não consegue.

O nosso padrão era padrão hebraica, de judeus da sinagoga tal... O nosso padrão tinha que ser extremamente alto. Ele não era, mas tinha que ser.

A minha família via essa história do dinheiro e do estudo para sermos sempre os melhores. Tínhamos que ser sempre os melhores. Tínhamos que ter sucesso.

Tanto o participante quanto seu pai não alcançaram esse sucesso imposto pela mitologia familiar e a eles foi determinado o lugar de fracassados, de não pertencimento ao sistema e à comunidade. Após o falecimento do pai e com a convocação para ocupar o lugar dele, o participante fica à margem dessa família como aquele que ajuda a mãe na criação dos irmãos e que também é fracassado, muitas vezes não podendo fazer as próprias escolhas: “Desmanchei com minha namorada, porque não queriam que eu casasse com ela, porque eu não tinha o dinheiro suficiente para isso. E foi assim que minha vida começou a seguir um outro rumo”.

Como acima apontado, a dificuldade de Abraão de se sentir parte da comunidade e de receber tantas cobranças, faz com que ele se afaste da religião de origem:

E: Antes de você se tornar espírita, você frequentava o judaísmo?

P: Muito pouco. Enquanto meu avô estava vivo, eu era disciplinado. Depois que ele faleceu, eu larguei a mão totalmente. Muita cobrança dentro do judaísmo. Muita cobrança.

E: No que você se sentia cobrado?

P: Se você conhecer uma menina, você tinha que ter um currículo nota 11, não sei das quantas...

E: O que era ter um currículo nota 11?

P: Dinheiro. Estudo. Muito boa posição. Nome... enfim... Nome tinha que estar circulando dentro da colônia. Era tão difícil de namorar uma menina judia... Eu estou falando do meu caso...

E: Por que “do seu caso”?

P: Porque eu não tinha nada para poder oferecer. Eu não tinha um carro, um dinheiro para levar a pessoa em um lugar chique. Não fazia uma viagem. Infelizmente, quando você está na merda, todo mundo fica te olhando. É gozado, mas é assim.

Esse sentimento de fracasso era reforçado pela família que se mantinha crítica, desconstruindo totalmente a força e a capacidade de Abraão:

E: Qual era a fala da sua mãe?

P: “Você não pode ficar assim. Precisa ir para a frente. Você não pode ficar assim. Você precisa estudar. Você precisa trabalhar mais.” Mas eu ‘tô indo na escola à noite. “Eu sei, mas você só repete”. Repito... “Você trabalha, trabalha que nem um louco e não ganha nada”. Não ganho. Torneiro mecânico pode casar, viver muito bem. Mas para viver na periferia. Tinha carro, tudo. Mas para viver no nosso padrão era impossível.

Apesar de concordamos com McGoldrick (1995) sobre a importância do sucesso como valor na comunidade judaica, o participante projeta uma dinâmica familiar que faz comunicar segredos e mitos ao interpretar esses valores de sua posição de “fracasso”. Ele busca, então, outra religião, qual seja o Espiritismo, bem como se casa com uma mulher católica, situações essas que não resolvem o problema, tanto da experiência de não-pertencimento quanto da experiência de fracassado.

É visível na fala de Abraão a baixa autoestima construída a partir do lugar de “não ter nada a oferecer”. A mitologia familiar, por meio do seu conjunto de crenças e valores, ficou arraigada na identidade de nosso participante, condenando-o a uma vida de tristeza, depressão e angústia.

Os segredos familiares fazem um contraponto importante com os mitos desse sistema. Isto porque todos os segredos giram em torno de sucesso financeiro versus fracasso (ter ou não bens materiais; quem tem e quem é corrompido por; perda e ganho) e, por consequência, é exigido um comportamento de aparência a fim de manter o lugar social de sucesso, protegendo a família da perda da influência e do poder compreendidos como necessários à sobrevivência.

E, nesse contexto, o participante precisou, por uma questão de lealdade ao sistema, compactuar com essa dinâmica de manutenção da nova condição financeira da família (fracasso) em segredo, ao mesmo tempo que encarnava essa condição: ele mesmo sempre teve uma vida modesta, sem grandes conquistas acadêmicas (não chegou a cursar a universidade) ou financeiras (foi por toda a vida um trabalhador assalariado de forma mediana), ou seja, pelos valores e crenças familiares o participante se tornara um fracassado.

Assim, no presente estudo, ficou claro a relação intrínseca e complexa entre a mitologia e os segredos familiares. Há uma retroalimentação entre esses fenômenos: os segredos sustentam os mitos da mesma forma que os mitos mantêm os segredos. Destaque-se que ambos estão a serviço da homeostase familiar, sobretudo pela exigente história desse sistema permeado de migrações em condições adversas.

Podemos inferir que a estabilidade dessa família, em razão de tantas perdas, mudanças, necessidade de adaptação a novas culturas e costumes, exigiu um esforço hercúleo de seus membros, razão pela qual os mitos e segredos ganharam lugar de destaque.

6.2.4 Desenraizamento

Se os mitos familiares criam a experiência de proteção para os membros de um sistema familiar, ajudam a manter a homeostase do sistema, criam vínculos através das gerações (Neubuger, 1999; Krom 2000; Gomes, 2000; Cerveny, 2001; Martins 2014) e facilitam o enraizamento de seus membros, podemos inferir que a falta de “cumprimento” da herança mitológica criará uma experiência de não proteção, não equilíbrio e não enraizamento.

Conforme lembra Cardella (2017) desenraizamentos são forma de sofrimento que se caracterizam pela perda de raízes na condição humana. Safra (2006) irá arrolar diversos tipos de desenraizamento a que o indivíduo está sujeito: étnico, estético, ético, do sagrado. Vale destacar que, para este estudo, o tipo de desenraizamento étnico irá se referir às perdas das referências de sua etnia, cultura do povo ou de uma comunidade (Safra, op. cit.; Cardella, op. cit.).

O participante do presente estudo é marcado por uma trajetória existencial de não-lugar, de perda de raízes, de busca de um lugar no mundo do qual se sinta parte. Precocemente é obrigado a deixar seu país de origem por ser considerado apátrida. Ele e sua família seguem um percurso da Europa ao Brasil, passando por Israel, na tentativa de encontrar um lugar para residirem com segurança:

Então, eu fiquei como terceira geração nascida no P [país de origem]. Só que, como eu sou judeu e todos os judeus que nasceram no E não tínhamos direito à nacionalidade. Tínhamos direito a ter a nacionalidade de nossos pais, mas com o tempo isso se perdeu e acabamos ficando apátridas. Então, nascemos lá, tínhamos alguns direitos, não servíamos o exército, não tínhamos nacionalidade e éramos apátridas.

Nesse processo, viveu uma desgastante experiência de xenofobia, seja por ser judeu, seja por ser estrangeiro, seja por ser judeu oriental. Combinado com esses fatos, percebemos uma dificuldade de atender às crenças, valores e expectativas familiares, o que o faz se sentir ainda mais excluído de alguma comunidade humana:

Então, tínhamos que sair do país, praticamente expulsos, não, expulsos. Estávamos fazendo o procedimento de saída e ninguém mexeu com a gente. Nessa época, que nós saímos do P [país de origem]. Minha mãe me teve com 16 para 17 anos. Dez anos depois, ela tinha 27 anos. Meu pai era muito velho, tinha 15 anos a mais. Ele tinha 42 anos quando saíram do P. E 42 anos, quando saímos do E, era uma idade extremamente avançada para alguém procurar e achar emprego na Europa. Meu pai não consegue trabalho na Europa. E minha avó insiste que vamos ser amparados. Israel, em 1948, estava começando a se criar. Aí, nós fomos para Israel. Chegando em Israel, se percebeu que tudo era deserto. Não tinha nada. Nada, nada, nada. E foi assim que nós ficamos em Israel, aonde (*sic*) o país estava sendo iniciado praticamente. Um ano. E nós ficamos em Israel durante um ano e ninguém conseguiu arrumar emprego. Por mil razões. Uma das razões é que éramos judeus orientais. Os judeus orientais foram aqueles que não passaram o holocausto. Os judeus ocidentais foram os que passaram o holocausto. Isto o que quer dizer? Isso quer dizer que Israel foi formado pelas pessoas que sofreram e passaram o holocausto. Que são os judeus europeus. Os judeus orientais são aqueles que não sofreram o holocausto e, por isso, eram mal vistos.

As dificuldades em viver a experiência de lugar tão necessária na constituição da identidade levaram o participante a sentir-se perdido e esquecido. Os adultos não conseguiam se organizar de forma suficiente para ofertar às crianças segurança e enraizamento:

Nós tínhamos que ir para algum lugar. Estava muito difícil de arrumar um lugar para viver. Então, queriam voltar para a Europa para tentar, depois, um lugar na I [país da Europa que concedeu a nacionalidade aos membros da família], porque na I teríamos direito de ficar. Honestamente, estávamos totalmente perdidos, sem saber o que fazer, como fazer, de onde começar e onde terminar. As crianças foram esquecidas, porque os adultos não tinham como cuidar das crianças. Então, nós éramos esquecidos pelos pais e pelos avós, que tinham outras coisas para resolver que era um lugar para ficar.

Além disso, a morte do pai e o legado criado a partir dessa perda levaram o participante a precisar ajudar sua mãe com a criação dos irmãos, deixando-o com sentimento de solidão e abandono:

Meu pai teve um câncer. Com a idade de 51 anos. Eu acredito que ele teve essa doença devido a toda a pressão que ele passou de ter que largar toda a vida dele que construiu no P [país de origem]. Não era muito, mas era a vida dele. Sai de um país onde ele não falava a língua, teria que aprender tudo de novo. Tudo isso foi deixando ele totalmente desequilibrado.

E: Como era o desequilíbrio dele?

P: Depressivo. Depois, ele se recuperou sozinho. Mas, aí, já não deu muito certo. O câncer pegou e ele acabou falecendo aos 51 anos.

E: E você, como ficou no Brasil?

P: Péssimo. Eu me senti totalmente abandonado... Não é essa palavra. Eu me senti totalmente sozinho. Tinha uma mãe jovem, com 35 anos, dois irmãos pequenos, e sem dinheiro.

E: Você está falando da morte do seu pai?

P: É. E minha mãe me chamou e falou que tínhamos uma responsabilidade enorme de criar os dois pequenos. E eu tinha, então, essa responsabilidade.

Precocemente e mais uma vez, o participante é lançado a experiências extemporâneas. Não há tempo ou espaço para escolher sua profissão, para se dedicar a uma carreira. É determinado que ele assuma a responsabilidade de ajudar na criação dos irmãos, independentemente da vontade ou da condição emocional.

E: Quantos anos você tinha quando seu pai morreu?

P: Quando papai morreu, eu estava completando 18 anos. Estudava de noite. Fiz o ginásio de noite. Fiz o colegial de noite e trabalhava durante o dia. Não gostava nem do meu trabalho, nem de estudar. Não gostava de nada. Não gostava do Brasil, nem de São Paulo, nem do prédio que eu morava. Eu era totalmente infeliz.

E: O que você fazia nessa época?

P: Eu trabalhava de torneiro mecânico e estudava à noite. Eu era uma pessoa extremamente infeliz. Não queria ter amigos, viver. Não estava nada bom para mim. E minha mãe jogou uma responsabilidade enorme em cima de mim. Hoje, eu vejo que não era minha essa responsabilidade.

Apesar de tantas dificuldades e angústias, o participante continua a buscar um lugar no mundo onde sinta que é importante “para continuar nessa vida”. Busca, então, outra religião na qual não se sinta mais cobrado pela conquista de sucesso e dinheiro.

E: Queria que você me contasse essa trajetória entre a religião judaica a religião kardecista.

P: O que aconteceu foi o seguinte: eu estava em um momento extremamente difícil da minha vida. E eu queria buscar alguma coisa, buscar uma coisa muito importante para mim para poder continuar nessa vida sem tanta angústia, tanto estresse.

A busca profissional também revela esse desejo de vencer a angústia e se realizar, ocupando um lugar mais consonante com quem ele era:

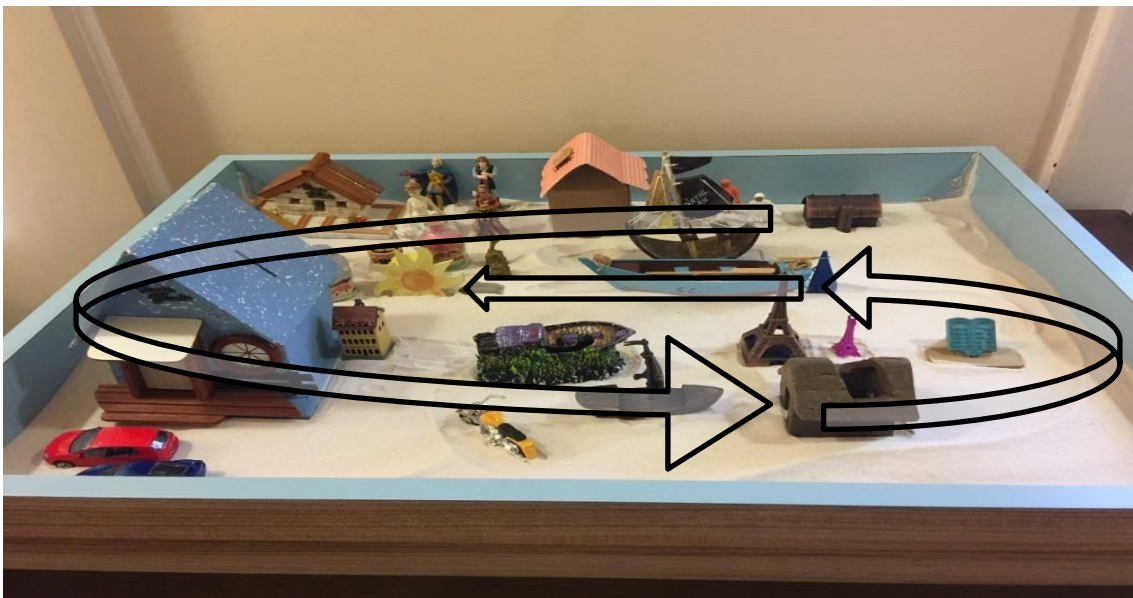
E: E como você muda de profissão? Vai para comprar e depois vai ser joalheiro?

P: Um processo extremamente longo de angústias. Processo de angústia. Queria sair da fábrica para trabalhar em escritório. Mas ninguém me aceitava, porque eu nunca tinha trabalhado em escritório nenhum. Toda a vez que eu ia trabalhar em um escritório de uma fábrica, essa mesma fábrica falava: “Olha, no escritório eu não tenho nada para você, mas na fábrica eu tenho. Você quer?”

Vale lembrar que o próprio participante faz menção ao povo judeu que usou a mercado de joias e pedras preciosas como uma possibilidade de se protegerem e garantirem o fácil trânsito dos bens materiais, no caso de serem obrigados a migrarem de um local a outro. E em sua busca de reconhecimento e de um lugar no mundo humano, talvez tenha escolhido essa profissão não só pela facilidade em lidar com o ofício, mas também, e sobretudo, para se identificar com sua comunidade étnica de origem. Até porque, ele próprio precisou se retirar de inúmeros países. Viveu literalmente a experiência do êxodo: percorreu do seu país de origem – na África – ao Brasil uma longa trajetória de luta pela sobrevivência.

Os cenários na areia contribuem para visualizar essa articulação. Na Figura 17, a seguir, as setas indicam as setas indicam o caminho de execução do cenário e representam a jornada da família.

Figura 17 – Caminho do país de origem até o Brasil



Conforme percebemos no cenário da Figura 17, Abraão constrói a trajetória familiar e emocional desde a África, representando os “lugares” familiares com o símbolo da casa. Primeiro a casa da família do pai que representa um lugar de maior identificação emocional, mas também simboliza a “perda de dinheiro”. Depois, representa a casa do avô materno com sua opulência financeira (casa-cofre em destaque na cena), passando pela Europa e Israel onde vivem a precariedade (casa de barro e “areia do deserto”). Somente na representação da chegada ao Brasil (Figura 18 e 19) utiliza outros símbolos como o sol, artesanato de areia, tambores e dinheiro, possivelmente representando o calor (físico e emocional), a música (símbolo de emoções) e a esperança de uma nova vida:

Figuras 18 e 19 – Elementos que representam a chegada ao Brasil



Vamos colocar um sol porque era o país maravilhoso. Brasil... Quero colocar Brasil. Brasil é isso aí. Bahia, Brasil. Que lindo! É o tambor do Olodum... Aqui tem mais uma torre... Vamos colocar. A caminhada foi aqui também, mas não tem mais espaço. Aí, pegamos um navio – preciso de mais um navio – e viemos para cá. Nós saímos daqui de Israel e viemos para o Brasil para alcançar a prosperidade e a riqueza. As garrafinhas são da Bahia, os tambores, o sol do país e o dinheiro. Era isso que queríamos alcançar.

No segundo cenário (Figura 20), Abraão ainda narra o processo de trânsito (a flecha indica o caminho de execução do cenário e faz referência ao processo de mudança de cidade), destacando a chegada ao Brasil/Rio de Janeiro até a mudança para São Paulo, onde fixam residência e onde podem, então, enraizar-se. É na cidade de São Paulo que Abraão se naturaliza brasileiro.

Figura 20 – Cenário 2: Trajetória do Rio de Janeiro a São Paulo



Apesar da busca e possível experiência de enraizamento, a narrativa do participante não dá conta dessa experiência como constitutiva de sua subjetividade. Ao que parece, seus melhores esforços não o fazem se sentir “em casa”. E a experiência da casa, de lugar, foi generosamente apresentada através das inúmeras casinhas utilizadas na elaboração dos dois cenários.

Por outro lado, a adesão de Abraão aos mitos e segredos familiares se afigura como uma forma de pertencimento que impede a experiência avassaladora do desenraizamento mais amplo. Leva-o ao sofrimento do fracassado, mas lhe garante uma identidade.

Vale um pequeno recorte dos cenários na areia quanto às diversas casas usadas para representar a saga familiar e os atributos físicos, emocionais e sociais dos mitos, segredos e enraizamento narrados por Abraão. Podemos pensar que a casa representa uma experiência de morada, de lar, de habitação humana e, por que não, de enraizamento.

Na ordem cronológica de acontecimentos, o participante destaca as casas que representam a família de origem do pai: uma casa de pedra simples versus uma casa de papelão frágil. A casa de pedra se refere à casa dos avós paternos da qual Abraão tem boas lembranças e com a qual se identifica. Chama atenção a qualidade da casa – pedra – que é sólida, firme e consistente versus a casa de papelão que representa a família do pai que perdeu tudo. Podemos inferir aqui a relação entre o enraizamento sólido (sucesso = casa de pedra) e o desenraizamento (fracasso = casa de papelão).

Figura 21 – Casa de pedra da família de origem do pai



Figura 22 – Casa de papelão dos parentes do pai



Após esse momento, aparece no cenário a casa que representa o avô materno (Figura 23), símbolo máximo do mito de sucesso e poder nesse sistema familiar, que é uma grande casa azul que também serve de cofre. Ao lado dessa grande casa, em destaque no cenário (Figura 24), temos a casa dos pais de Abraão, que foi construída como um anexo à casa principal, mais modesta e significativamente inferior à outra. Cabe sublinhar que, neste momento do cenário, as figuras humanas não são representadas, temos apenas objetos que simbolizam o dinheiro do avô materno.

Figura 23 – Casa-cofre representando a casa do avô materno



Figura 24 – Casa representando a família do participante



Após esse recorte na história familiar, ainda representando os lugares ocupados no país de origem de Abraão, a saga familiar dá lugar ao êxodo, com a saída da África em direção à Europa e Israel. Esse momento é marcado por uma forte quebra para todo o sistema familiar, pela condição de apátridas e pela forte experiência de desenraizamento.

Abraão representa a chegada à Europa com a casa de barro com telhado aberto, fazendo uma forte relação entre a precariedade de momento-lugar. Já Israel não é representado por nenhuma casa, apenas pela areia da caixa, que simbolizaria a areia do deserto, como uma experiência máxima de desabrigoamento (Figura 25).

Figura 25 – Representação das experiências na Europa e em Israel



Por fim, no Cenário 1, a chegada ao Brasil, a despeito dos símbolos já mencionados, tem como representante uma pequena casa de madeira sem portas e sem janelas. Ainda simboliza uma experiência inacabada, um lugar-morada em construção. Há esperança de um futuro melhor, mas, naquele momento, a família ainda vive um momento de ajustamentos necessários e de moradia temporária (Figura 18).

No Cenário 2, temos que as casas que compõem a trajetória de enraizamento são representadas por uma pequena casa de papelão, que simboliza a moradia temporária na Rio de Janeiro, seguida de outra casa de papelão prateada (caixa de presente), que representa a casa do avô materno em São Paulo e pela casa de madeira que irá servir para ilustrar a moradia do núcleo familiar de Abraão quando a família se mudou para a capital paulista (Figura 26).

Figura 26 – Cenário 2: Casas no Brasil



Nessa representação simbólica pelas diversas casas, podemos ver tanto os segredos tacitamente inscritos nas mudanças de moradia da família, representadas por casas de diversas matizes e que simbolizam as diferenças familiares e as perdas com as mudanças, como também os mitos familiares representados pelo símbolo de dinheiro.

A trilogia desenraizamento, mitos familiares e segredos familiares se revela não apenas na entrevista como também nos cenários e no genograma. A luta entre sucesso-sobrevivência (ter-sobreviver) e fracasso-morte (perder-perecer) é a base do discurso de Abraão. Entretanto, é imperioso notar que o desenraizamento, com a expulsão do país de origem, ativa a mitologia familiar (mito da sobrevivência e sucesso) a fim de se manter a homeostase e a sobrevivência do sistema.

A imigração e a perda de *status* social e financeiro acabam gerando os segredos para que os mitos possam se sustentar e se perpetuar. Dessa forma, um sistema de proteção é intrinsicamente criado na busca de salvaguardar o lugar social da família que entendiam necessário. E, nesse sistema protetivo, o segredo funciona como o fenômeno de sustentação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não deixaremos de explorar e, ao término da nossa exploração, deveremos chegar ao ponto de partida e conhecer esse lugar pela primeira vez.
(T. S. Eliot)

Então, ao chegarmos ao fim dessa jornada através uma grande saga familiar, muitas são as reflexões sobre o vivido. Vivemos junto ao nosso participante as agruras e lutas, as conquistas e derrotas de uma existência marcada pelo êxodo, pela busca de um lugar para ser, pela constante dicotomia entre sucesso e fracasso.

Entendemos que os objetivos da presente pesquisa foram respondidos por meio deste estudo de caso extremamente rico em nuances e cores. Os segredos se apresentam como sustentáculos dos mitos familiares: sobrevivência (dorsal) e sucesso (auxiliar). Esses mitos, por seu turno, buscam cuidar da homeostase da família e preservar sua existência e morfogênese.

Não é nada improvável que esse sistema familiar tenha como mito dorsal o da sobrevivência. É notória, na história da humanidade, a experiência da perseguição ao povo judeu com a necessidade de fuga em busca de sobrevivência.

Os resultados apontam que o participante percebe que os segredos interferiram diretamente em sua vida e na construção de sua identidade, sendo certo que, para ele, a transmissão dos segredos ao longo das gerações se dá por transmissão oral de crenças, valores, comportamentos e atitudes. Quanto aos mitos familiares, foi possível inferir que, no estudo realizado, estão diretamente ligados aos segredos familiares em um mecanismo de retroalimentação, por meio do qual esses fenômenos se sustentam e se alimentam reciprocamente.

Há ainda um eixo central desse estudo, qual seja o desenraizamento. A diáspora e a experiência de expatriação ativam a mitologia familiar que acaba por desencadear o fenômeno do segredo com o intuito de manter e proteger o sistema familiar.

Ao que nos parece, o sucesso de Abraão foi sobreviver à própria vida e ajudar outros a sobreviverem. Seu fracasso, se é que há algum, foi o de não se libertar do legado familiar, de romper com o lugar a ele imposto pelos mitos de sua família.

Nosso guerreiro, tal qual Prometeu, entrega o fogo aos homens – no caso seus irmãos, que seguem sua jornada com êxito e sem tanto peso dos legados e do segredo familiar – enquanto ele fica aprisionado e condenado à pedra do Cáucaso (ser o fracassado da família).

Mas nosso homem, nesse labirinto de segredos e não-ditos familiares, também procura um fio de Ariadne para encontrar a saída de volta depois da luta com seu próprio Minotauro. Sua jornada existencial é marcada por essa busca de lugar, reconhecimento e sucesso. A despeito de sua visão enviesada, julgamos esse homem um verdadeiro Teseu: lutou e venceu seu monstro nas entranhas labirínticas.

Vale aqui uma pequena parada para refletirmos acerca da força de um segredo no seio de uma família. Como ficou claro em nosso percurso, segredos são fenômenos sistêmicos, cuja existência vem para proteger uma família de seu próprio perecimento.

Entretanto, manter o segredo pode trazer tanto prejuízo quanto revelação. Em nossa pesquisa, percebemos o quanto o participante sofreu na construção de sua identidade a partir dos lugares que o segredo criou em sua família: a baixa autoestima, a vergonha, a presença de depressão e angústia constantes, o desenraizamento e sua manutenção ao longo da existência, a sensação de não pertencimento.

No sistema estudado, e atendendo os objetivos da pesquisa, os segredos eram sustentado pelos mitos familiares que também alimentavam o segredo. Era um processo de retroalimentação constante. Segredar o fracasso para que fosse mantido o lugar de sucesso e, por consequência, um *status* perante a comunidade. Isto garantiria a sobrevivência do sistema familiar.

Conforme a percepção do participante, houve um preço alto a pagar, o de ser lançado precocemente em um lugar de responsabilidade sem que sua dor emocional e suas limitações cognitivas pudessem ser abarcadas. Com a morte do pai (o então “fracassado” do sistema), ele assume esse lugar: ajudar a prover a casa e o sustento da família, bem como o lugar de fracassado. Esse lugar – podemos considerar um não-lugar – tem um peso considerável na construção da identidade do sujeito.

A experiência do desenraizamento, primeiramente do lugar de origem (a expulsão do país, a condição de apátrida) e, depois, a experiência do não pertencimento ao sistema familiar que exigia um lugar de sucesso financeiro e acadêmico ficaram marcados na trajetória de nosso sujeito.

O participante não alcança os pressupostos da mitologia familiar: sucesso financeiro e educacional, mas consegue sobreviver aos diversos obstáculos que lhe foram impostos ao longo de sua jornada existencial.

Frente ao exposto, percebemos o quanto o tema segredos familiares e sua transmissão transgeracional é relevante para a prática clínica. Muitos significados, nuances, forças, formas

de vinculação e adoecimento podem estar vinculados a esse fenômeno, dentre tantas outras questões.

Assim, a pesquisa permitiu, por meio da análise dos temas ventilados, responder aos objetivos propostos: compreender a influência do segredo na vida do participante, percorrendo um olhar transgeracional e a relação com os mitos familiares.

Para finalizar nossa saga, honrando a história desse homem que generosamente nos ofertou seu percurso, suas dores, seus medos e seu segredo, trazemos uma passagem *do Tratado de Pessachi* (50a) narrado por Bonder:

O Rabi Iossef, filho do Rabi Ioshua ben Levi, ficou muito doente e entrou em coma. Após ter-se restabelecido, seu pai lhe perguntou: “O que foi que você viu?” “Eu vi um mundo todo ao contrário, um mundo turvo e de cabeça para baixo”, respondeu. “Os mais elevados na terra eram os mais baixos lá, e os mais baixos na terra, os mais elevados lá”. “Meu filho”, disse o pai, “você não viu um mundo turvo, mas um mundo claro”. (BONDER, 2010, p. 194)

Sem dúvida, Abraão nunca esteve entre “os mais baixos”. Em um mundo turvo, muitas vezes violento, que permite a expulsão de pessoas de suas próprias casas, nosso participante é um homem elevado. Sobreviveu às agruras da vida e foi um grande vencedor. Cuidou de muitos com sua força e amor. E, desprendidamente, deixou seu legado para que esta pesquisa acontecesse. Abraão entregou o “fogo aos homens”, venceu seu Minotauro e encontrou a saída do labirinto, mas, principalmente, abriu a caixa de Pandora, deixando que os males partissem e que ficasse para todos nós simplesmente a Esperança.

REFERÊNCIAS

AMMAN, R. **A terapia do Jogo de Areia: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade.** São Paulo: Paulus, 2004.

ANDERSON, H. **Conversação, linguagem e possibilidades: Um enfoque pós-moderno da terapia.** São Paulo: Roca, 2009.

ARAÚJO, A. F. O labirinto como segredo ou o segredo do labirinto? Uma leitura à luz do imaginário educacional. **Religare**, v. 10, n. 2, p. 78-97, setembro de 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/17473/9972>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ARIÈS, A.; DUBY, G. **História da vida privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BELL, J. **Projeto de pesquisa: Guia para pesquisadores, iniciantes em educação, saúde e ciências sociais.** 4ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BOCK, S. **Secrets: On the ethics of concealment and revelation.** New York: Vintage, 1989.

BONDER, N. **A cabala do dinheiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, janeiro-julho/2005.

BOSZORMÉNYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles: Reciprocidad en terapia familiar intergeneracional.** Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

BRANDÃO, J. **Dicionário Mítico-Etimológico.** Volume II. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRITO, M. A. Q. O Jogo de Areia na abordagem gestáltica: uma proposta de experimento. In: **VIII Congresso e XI Encontro Nacional de Gestalt-terapia.** Setembro 27-30, 2007, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs2/index.php/cengtb/article/view/17/330>>. Acesso em: 16 maio 2016.

CARDELLA, B. P. **De volta para casa: Ética e poética na clínica gestáltica contemporânea.** Amparo: Gráfica Foca, 2017.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia.** Campinas: Livro Pleno, 2001.

_____. Introdução. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org.) **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p.11-17.

_____. Introdução. In: CERVENY, C. M. O. (Org.) **Intergeneracionalidade: heranças na produção de conhecimento.** São Paulo: Roca, 2011. p. XIII a XXIII.

CERVENY, C. M. O. Família e intergeracionalidade. In: CERVENY, C. M. O. (Org.) **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 13-45.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESPRET, V. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n.1, p. 5-28, Jan/Abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n1/v23n1a02.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

FONTES, A. P. Resiliência, segundo o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida (life-span). **Revista Kairós**, Caderno Temático 7, São Paulo, junho 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/danyp_000/Downloads/3917-9102-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/danyp_000/Downloads/3917-9102-1-SM%20(1).pdf)>. Acesso em: 3 maio 2018.

FLORENCE, J. A propósito do segredo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, n. 2, p. 163-166 Mai-Ago 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v15n2/a09v15n2.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

FRANCO, A.; PINTO, B. E. O mágico jogo de areia em pesquisa. **Psicologia USP**, v. 14, n. 2, p. 91-114, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n2/a07v14n2.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2016.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, D. M. **Mitos familiares memória e ocultação:** Uma abordagem relacional sistêmica. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2000.

IMBER-BLACK, E. Segredos na família e na terapia familiar: uma visão geral. In: IMBER-BLACK, E. (Org.). **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 15-39.

_____. O valor dos rituais na vida família. In: FROMA, W. **Processos normativos da família:** diversidade e complexidade. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 483-498.

KALFF, D. M. **Sandplay:** a psychotherapeutic approach to the Psyche. Cloverdale, California: Temenos Press, 2003.

KROM, M. **Famílias e mitos, prevenção e terapia:** resgatando histórias. São Paulo: Summus, 2000.

KRÜGER, L. L.; WERLANG, B. S. G. O genograma como recurso no espaço convencional. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 3, p. 415-426, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000300013>. Acesso em: 15 maio 2017

KUBLIKOWSKI, I. Família e terapia familiar: origens e percurso. In: CERVENY, C. M. O. (Org.) **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 195-235.

_____. Estudo de caso qualitativo e pesquisas em Psicologia Clínica. In: MACEDO, R. M. S.; KUBLIKOWSKI, I.; MOREÍ, C. L. O. O. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa no contexto da família e comunidade**: experiências, desafios e reflexões. Curitiba: Editora CVR, 2018.

KVALE, S. **InterViews**: an introduction to qualitative research interviewing. Thousand Oaks: Sage Publications, 1996.

LIMA, P. M. R.; COELHO, V. L. D. A arte de envelhecer: um estudo exploratório sobre a história de vida e o envelhecimento. **Psicologia Clínica e Profissão**, v. 31, n. 1, p. 4-19, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000100002>. Acesso em: 14 out. 2017.

MACEDO, R. M. S. Família sob o ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 62-68, nov. 1994. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/download/877/883>>. Acesso em: 13 out. 2017.

MACEDO, R. M. S., KUBLIKOWSKI, I.; GRANDESSO, M. S. A interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado. In: **Primeira Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa**, 2004, Taubaté. **Anais...** Taubaté, 2004, p. 83.

MACEDO, R. M. S.; KUBLIKOWSKI, I.; BERTHOUD, C. M. E. Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: uma perspectiva dos pais. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano**, São Paulo v. 16, n. 2, ago. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000200005>. Acesso em: 14 out. 2017.

MARTINS, C. M. R. **Os mitos familiares na construção da conjugalidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

MASON, M. J. Vergonha: reservatório para os segredos na família. In: IMBER-BLACK, E. (Org.). **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 42-52.

MCGOLDRICK, M. Etnicidade e o ciclo da vida familiar. In: CARTE, B.; MCGOLDRICK, M. (Coord.) **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995 (reimpressão 2011). p. 65-83.

MCGOLDRICK, M.; SHIBUSAWA, T. O ciclo vital familiar. In: FROMA, W. **Processos normativos da família**: diversidade e complexidade. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 375-398.

MELO, C.; MAGALHÃES, A. S.; FERES-CARNEIRO, T. Segredos de família: a contratransferência como recurso terapêutico. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 19, n. 1, jan./abr. 2014, p. 163-182. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/81008>>. Acesso em: 20 maio 2016.

NEUBURGER, R. **O mito familiar**. São Paulo: Summus, 1999.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em Psicologia**, 2006, vol. 14, n. 1, p. 17-34. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005>. Acesso em: 3 maio 2018.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

PENSO, M. A.; COSTA L. F.; RIBEIRO, M. A. Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In: PENSO, M. A.; COSTA, L. F. (Org.). **A transmissão geracional em diversos contextos: da pesquisa à intervenção**. São Paulo: Summus, 2008. p. 9-23.

SAFRA, G. **A po-ética na clínica contemporânea**. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

SANTOS, I. E.; DIAS, C. M. S. B. Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. **Alenteis**, Canos, n. 27, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100008>. Acesso em: 12 out. 2017.

SILVA, J. L.; ALVES, L. F.; COELHO, M. R. M. A família em fase última In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org.) **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 119-130.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, 2014, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, p. 91-117. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/20337>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

STAKE, R. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications, 1994. p. 236-247.

TEJERA, M. H. D. **A esfera privada na pós-modernidade: uma análise a partir de práticas na internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tende/4500?mode=full>>. Acesso em: 10 maio 2016.

VANGELISTI, A. L. Family secrets: forms, functions and correlates. **Journal of Social and Personal Relationship**, v. 11, n. 1, p. 113-135, 1994. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0265407594111007>>. Acesso em: 10 maio 2016.

VASQUEZ, N. S. M.; POSADA, J. J. Z.; MESSENGER, T. Conceptualización de ciclo vital familiar: una mirada a la producción durante el periodo comprendido entre los años 2002 a 2015. **Revista CES Psicología**, v. 8, n. 2, Julio-Diciembre 2015, p. 103-121. Disponível em:

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2011-30802015000200006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 ago. 2017.

WAGNER, A; FALCKE, D. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2014. p. 25-46.

WALSH, F. A família no estágio tardio da vida. In: CARTE, B.; MCGOLDRICK, M. (Coord.) **As mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995 (reimpressão 2011). p. 269-290.

_____. Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI. In: FROMA, W. **Processos normativos da família:** diversidade e complexidade. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 3-27.

WEIL, S. **Opressão e liberdade.** Bauru: Edusc, 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 5ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2015.

_____. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.

ZERBINI, M. I. S. Genograma na clínica com crianças. In: CERVENY, C. M. O. **O livro do genograma.** Rio de Janeiro: Editora Roca, 2014.

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Daniela Pupo Barbosa Bianchi, aluna do Programa de Estudos Pós Graduated em de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de SP, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “*O papel do segredo nos jogos familiares: um olhar transgeracional*”, como dissertação de mestrado, orientada pela Prof. Dra. Ida Kublikowski. Venho convidá-lo(a) a participar desta pesquisa, cujo objetivo é compreender, de uma perspectiva transgeracional, o papel dos segredos nos jogos familiares.

Para tanto será realizada entrevista semi-estruturada que por meio de perguntas e respostas permitem compreender, de uma perspectiva transgeracional, o papel dos segredos nos jogos familiares.

Cabe ressaltar que os procedimentos acima descritos são de baixo risco. No entanto, estaremos atentos para eventuais desconfortos que evidenciem a necessidade de intervenção e consequente encaminhamento do senhor(a).

O senhor(a) não receberá nenhuma compensação financeira ou benefício direto por participar do estudo. No entanto benefícios podem ser gerados, pois os procedimentos acima referidos podem lhe permitir uma reflexão em torno da experiência em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outras pessoas que estejam vivenciando a mesma situação.

O sigilo em torno da sua identidade e privacidade fica garantido por esse termo. As entrevistas serão gravadas e transcritas. A recusa em participar da pesquisa não implicará em nenhum prejuízo.

A pesquisadora se coloca à disposição, a partir da defesa da dissertação para informar os resultados obtidos. Os resultados também ficarão disponíveis na Biblioteca Central Nadir Gouvêa Kfourri da PUC-SP e poderão ser divulgados para fins acadêmicos. O presente consentimento foi emitido em duas vias, sendo que uma ficará em poder do pesquisador e a outra com o participante. Qualquer dúvida referente a questões éticas envolvidas na pesquisa poderão ser sanadas com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP, situado à Rua Ministro Godói, 969, no anda térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, Perdizes – São Paulo/SP, CEP 05015-001. Telefone (11)3670-8466, e-mail cometica@pucsp.br.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, portador do R.G:
_____ declaro:

- Haver compreendido o objetivo da pesquisa “*O papel do segredo nos jogos familiares: um olhar transgeracional*”, inclusive os riscos envolvidos;
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer consequência para minha pessoa;
- Haver concordado com a gravação em áudio dos procedimentos, com o compromisso do pesquisador de que as fitas permanecerão guardadas por cinco (5) anos, com garantia de sigilo;
- Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade.

Assinatura do participante

Endereço:

E-mail:

Fone:

Assinatura da pesquisadora

RG: 21.825.801-X (SSP/SP)

CRP: 06/80.930

E-mail: danypupo@hotmail.com

Fone: (11) 982919280.

APÊNDICE 2 – Carta Convite

(A carta convite foi enviada à pessoa que livre e espontaneamente expressou o desejo de participar da pesquisa, após a divulgação do convite e destacado que esse participante se enquadra nos critérios de inclusão.)

Prezado (a) _____,

Olá, meu nome é Daniela Pupo Barbosa Bianchi, sou psicóloga e estou desenvolvendo uma pesquisa que é requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cujo tema é *“O papel do segredo nos jogos familiares: um olhar transgeracional”*.

Para tanto, convido você a participar dessa pesquisa através da realização de entrevista comigo. Precisaréi de aproximadamente cinco encontros que devem durar em média duas horas cada e acontecerão em meu consultório que se localiza na Rua Joaquim Távora, 1398, Vila Mariana, cidade de São Paulo. Essa entrevista tem como finalidade desenvolver uma conversação sobre o tema e para isso você pode contribuir com a sua experiência.

Gostaria de enfatizar de que por questões éticas a sua identidade será preservada e mantida em anonimato, sua participação é voluntária e não haverá nenhum tipo de custo financeiro.

Para confirmar a sua participação, por favor, entre em contato pelo telefone (11) 982919280 ou pelo e-mail danypupo@hotmail.com.

Sua presença e participação é fundamental para a realização desta pesquisa.

Obrigada,

Daniela P. B. Bianchi

CRP: 06/80.930

APÊNDICE 3 – Roteiro de entrevista semiestruturada**Identificação**

Nome Completo: _____

Sexo: _____ Idade: _____

Escolarização: _____

Profissão: _____

Reside com quem?

Sustenta-se financeiramente?

Renda Mensal?

Renda Mensal familiar?

Questões:

1. Conte sobre a sua história de vida, incluindo a origem dos pais e avôs.
2. Qual sua compreensão da presença de segredos no âmbito familiar?
3. Qual o papel dos segredos em sua trajetória pessoal?
4. Você percebe a perpetuação do segredo através das gerações? Como, no seu entendimento, isso ocorreu?